

BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1901

Nº 67

Clara Della Guardia



Actriz italiana

Clara Della Guardia



BRILHANTE constelação estrangeira que tem vindo iluminar o nosso horizonte artistico impellida pela mão milagrosa da empreza do theatro D. Amelia, não estava completa ainda. Era indispensavel que nenhum elemento faltasse, que nenhuma estrellita, as de primeira como as de segunda grandeza, deixasse de comparecer á chamada.

E' por isso que ahi temos agora Clara Della Guardia, como teremos amanhã o Zacconi e a Bartet. Se um dia o sr. visconde de S. Luiz de Braga conseguisse — o que não nos surpreenderia — trazer-nos tambem o grande Irving para nos dar no seu maximo relevo a obra shakespeareana, como a obra de Ibsen nos vae ser posta em toda a sua grandeza pelo talento de Zacconi, julgar-nos-iamos n'esse momento dispensados de sahir a fronteira para ver e admirar a grande arte através dos seus interpretes supremos.

Ha ainda na Italia grandes artistas de nome que o publico portuguez não conhece, é certo: a Virginia Reiter, por exemplo, a Tiria de Lorenzo, de todas a mais formosa, a Vitaliani, que é, no dizer da Duse, a primeira actriz da Italia, mas para se fazer idéa da altura a que, mercê dos seus grandes interpretes, pode subir n'uma nação a arte de representar, basta-nos ter visto Emmanuel, o mestre dos mestres, Novelli, a mais poderosa encarnação do naturalismo na arte, Eleonora Duse, a mais extraordinaria organização de artista que tem fulgido no theatro contemporaneo. E por que a certidão de idade já nos dá tristes e desoladoras realçãs, quasi podemos formar a lista completa d'essas celebridades italianas que, n'uma longa serie de annos, tem desfilado aos nossos olhos, lista opulenta, porque a enriquecem nomes como o da Ristori, a tragica por excellencia, Salvini, o artista colossal, e a Pasquali, e o Rossi, e a Pezana, a cuja arte e a cujo saber se enlevava toda a critica da sua terra, e ainda outras de segunda grandeza como a Paladini, que, apesar do embate de opiniões a respeito dos seus meritos, nunca vimos excedida em qualquer papel dramatico de mulher do povo.

Na ordem chronologica a ultima é a Della Guardia, que, tendo ao seu lado um artista de nome, o actor Paladini, vamos ver dentro de tres dias no palco do D. Amelia.

Debuta na *Zazá*, que está sendo a pedra de toque das actrices afamadas.

E' um papel que, com effeito, se presta á exhibição de faculdades e recursos bastantes para imporem uma artista á admiração publica. E essas qualidades facil se nos torna aprecia-las sem erro, porque quer queiram quer não, a necessidade de confronto é por assim dizer intuitiva em nós, e sempre que elle possa fazer-se, de mais elementos dispomos para firmar uma opinião ou formar um juizo.

O escolho d'esta primeira representação é exactamente um confronto que se impõe. Ao papel de *Zazá* eleva-se a tão prodigiosa altura a grande Rejane, as suas infantilidades, o seu sensualismo nascente, a sua paixão que cresce e a absorve, toda essa acção poderosa e sentimental que de uma scena de comedia alegre se vae desdobrando até uma scena tragica, porque não ha mais desolantes tragedias do que as que tem por theatro o coração — todo esse maravilhoso embate de sentimentos, tendo a renatal-o um poema de saudade melancolica, um dolorido adeus á mocidade que passou e ao amor que não volta, encontra em Rejane uma expressão tão genial e tão humana, que nos dá a illusão de ter a grande artista franceza atingido n'esse trabalho o ideal na arte do theatro.

Dois artistas portuguezas se apaixonaram tambem por esse papel, dos mais interessantes que conta o theatro moderno. Tem-n'o representado sempre com applausos Angela Pinto, que, dando-lhe uma interpretação sua, sem pretender elevar-se ás culminancias da sua celebre antecessora, mostrou que pode ir longe uma artista portugueza que tenha vontade e talento.

Lucilia Simões é a outra ainda novel mas já laureada actriz, que confessa ter uma paixão doida pelo papel da *Zazá*. Ha de fazel-o em Portugal — temos d'isso a certeza — e tanto confiamos no seu valor, bem provado já, que, apesar das estrellas europeias, não ha de ser injustos os applausos dirigidos ao seu trabalho.

E' n'esse papel que com a de maior nomeada vae

defrontar-se em Lisboa, dentro de tres dias, a gloriosa actriz italiana cujo retrato vem hoje enriquecer a galeria artistica do *Brasil Portugal*.

O que sabemos d'ella é que é uma artista de inteno e profundo sentimento dramatico, nova ainda, illustrada, tendo recebido uma esmeradissima educação, porte elegante, estatura elevada, olhos pretos e brilhantes, feições accentuadas em que se espelha com facilidade equal o mais inteno sentimento dramatico e a mais poderosa vibração de comedia.

O que nos diz a critica sobre o seu trabalho na *Zazá* é que ella faz o papel com todo o seu temperamento, bem vivo, bem quente, á italiana; que o amor nascente começa logo a traduzir-se n'um sensualismo vibrante e forte, e que tem um acto magistral, o quarto, em que exhibe recursos que bastam a collocar-a na galeria das artistas celebres.

E' o que vamos ver com o desejo de a admirarmos e de a applaudirmos — se a opinião da critica lá de fóra fór, como suppomos, a expressão da verdade.

Clara Della Guardia que o Brasil já tanto conhece por duas demoradas visitas e, como os leitores vão agora ver, uma mulher encantantemente bella, não d'essa belleza irreprehensivel de traços, mas da grande e unica belleza — a que se insinua e logo nos seduz...

JAYME VICTOR.

A questão religiosa



UM COMICIO NA QUINTA VIGIA DA ILHA DA MADEIRA

Está discursando o sr. Guilherme Telles de Menezes
Preside o sr. Augusto Jacquinet, secretariado pelos srs. Ernesto Azeias e Cyriaco de Nobrega

Magalhães Coitinho e o Conde de Villa-Real ⁽¹⁾



BATALHA do Chão da Feira — 1837 — na celebre *Revolta dos Marechaes*, foi rápida, não chegou a durar duas horas, mas foi sangrenta. Lá ficou João Nepomuceno de Macedo, barão de S. Cosme, o Ney portuguez, o pobre moço Conde da Redinha, e ferido gravemente no peito, o destemido e sympathico Fernando Mousinho d'Albuquerque. De tantos que assistiram á refréga e viveram na minha intimidade só me resta hoje o meu velho amigo Dom Luiz da Camara Leme, que tambem lá se

bateu como um bravo que sempre foi. — José Eduardo de Magalhães Coitinho completara o seu curso no Hospital de São José e acompanhava o pae, official de cavallaria, não sei se do lado dos cartistas se dos seletibristas, como cirurgião militar. — Terminado o combate do Chão da Feira, Magalhães Coitinho percorria o campo quando se lhe deparou um rapaz, uma criança quasi, horrivelmente mutilado. Julgou que fosse francez ou belga, por uma exclamação sumida que soltou em francez. Uma bola de canhão tinha-lhe despedaçado uma perna. Transportado, como Fernando Mousinho e outros feridos, para um logarejo, Magalhães Coitinho tratou de proceder á amputação. — Faltavam-lhe instrumentos; os poucos que possuía haviam-se desencaminhado. Acudio ás navalhas d'um barbeiro, e ao serrote d'um marceneiro. Durante a operação o paciente só exclamou: — Mon Dieu! Mon Dieu! — Porém as suas mãos crispadas deixaram os dedos assignalados nos que o seguravam. A boa organização e a mocidade triumpharam. Em poucos dias entrava em convalescença franca.

Magalhães Coitinho vio logo que o seu operado era moço intelligente e de fina educção. Falava portuguez, mas fôra educado em França. Disse-lhe que pertencia a uma familia portugueza e se chamava Fernando de Soisa.

Medico e enfermo eram já amigos d'alma. Uma mulher solícita não seria mais carinhosa do que foi Magalhães Coitinho com o seu pobre amputado.

Um dia, duas senhoras apearam-se de uma liteira e entraram a porta da casa.

A distancia sentia-se, n'aquellas duas senhoras, a distincção da fidalguia portugueza, rarissima no ambiente ranço em que respiramos agora.

Eram a Condessa de Villa Real e sua filha segunda, Dona Maria Thereza de Soisa, depois Condessa da Ponte. Falteceu ha poucos mezes a finissima senhora, exemplo de esposa e de mãe. Quando Fernando de Soisa — Conde de Villa Real — partiu para Lisboa, a irmã tirou do seio uma bolsa de setim róxo e offereceo-a ao medico que lhe salvara o irmão. — Eram cem libras esterlinas. Cem libras n'aquelle tempo! A ultima vez que Magalhães Coitinho me contou este episodio da sua mocidade foi em Valle de Lobos, ante-vespera de Alexandre Herculano expirar, e disse-me, como dizia sempre que narrava o facto:

— Julguei-me um Rei! — Magalhães, tão estimado em casa do Conde de Villa Real pela gratidão que lhe tributavam, era querido e admirado tambem pela vivacidade e graça do espirito. O medico entrava, pois, de par em par, na flor da grande roda portugueza e da grande clinica. Era alto e moreno; feio, olhos pretos refintos, ardentés como duas brásas; bocca rasgada, de beicos grossos, mas expressiva. Vida petulante a saltar-lhe da musculatura, da arca do peito, do gesto, dos movimentos, da palavra, sempre colorida e fecunda.

Homem extraordinario. Alexandre Herculano disse-me muitas vezes que era a mais vasta intelligencia que tinha conhecido. Possuía todas as condições dos cerebros excepcionaes; via as coisas em grandes syntheses, sendo ao mesmo tempo

analytico e penetrante observador. Andava estudando medicina e era já professor de grego. Tinha a vocação da sciencia e das letras. Em historia da medicina, nem antes nem depois, em Portugal, teve quem hombreesse com elle. Cursos mathematica e ganhou o primeiro premio. A astronomia prendeu-o sempre, até nos ultimos annos; escrevia com elegancia e correccção; era didactico e artista. Porque não deixou na sciencia um grande nome, um nome universal? Pela paixão absoluta, pela paixão cega que o dominava: as mulheres! Rompia por tudo, esquecia tudo, familia, sciencia, amigos, e lá ia na piugada de uma saia, de cabeça levantada, a ventos, como perdigueiro de finissima raça, e parava e entrava sem que o mandassem, no portal de escudos timbrados e na cabana do pescador. Isto de *cabana do pescador* não é rhetorica. De uma vez desapareceu de casa, abandonando doentes e discipulos, e andou perdido por essas praias do norte com uma ondina de tamanquinhas, brunida dos salgados do mar, risinho de perolas, covitas nas faces; ancas roliças, sacudindo a saia curta, cinta quebrada, chapélio braguez firmando-lhe na cabeça o lenço fluctuante de côres lubrificas, arceadas e coração de filigrana, mais appetitosa e picante do que a *rica da Costa!*

Já com os selenta puxados, adoeceu em certo aposento. De improviso apparece um eminente personagem e encontra-lhe á cabeceira, não uma dama do Paço, mas, posto que já no declinar do sol, uma rainha da belleza!

Depois da capitulação de Torres Vedras, falou-se, como já disse, em fusilamentos. Atribuiu-se a intenção á corôa. Não o creio. Parece que vendo a revolução popular erguer a cabeça por toda a parte, e sentindo o odio que os patuleias lhe tinham, a rainha enfurecida clamara: — Mereciam ser fusilados; mas não de ser desterrados. — Isto foi o que me disse, muitos annos depois, uma alta dama, espirito fino e culto, que viveu desde a infancia ao lado de D. Maria II.

Foi com a mão na consciencia que a nobilissima senhora me affirmou estas palavras. A calumnia sã do Paço, onde não ha dia do Senhor em que se não inventem algumas, e ás vezes os capitães inimigos dos reis são os que tudo lhe devem.

Conde de Villa Real foi dos desterrados. A irmã do Conde, D. Izabel de Soisa, condessa de Rio Maior e a mulher do Conde, da casa Bramcamp, foram deitar-se aos pés da soberana. D. Maria II manteve-se inabalavel, dizendo, depois das encarecidas e angustiosas supplicas: — Olha, Izabel de Soisa, sinto deveras, por que fui muito amiga de teu pae. — Então a Condessa de Rio Maior, elevada intelligencia, a mais robusta intelligencia de mulher que tenho conhecido, com a legitima altivez do seu dignissimo caracter, poz-se em pé e respondeu-lhe: — Pois não o parece, minha senhora! A consolação que me resta é que Vossa Magestade ha-de ter remorsos e ha de arrepende-se do que vai fazer. — E sem esperar que a rainha a despedisse, com o coração trespassado de dôr, saiu, grande e senhoril, pelos salões realengos, onde os seus antepassados entravam de chapeu na cabeça.

Conde de Villa Real era de mediana estatura; delgado; mas todo nervos e musculoso. Valente, da valentia cega que se chama intrepidez. Nada abatia aquelle animo. De Angola escrevia a uma das suas irmãs: — Em breve a minha boa estrela me tirará d'aqui. — *A minha boa estrela*, tem graça!

Quasi uma criança, entrava n'uma batalha; o primeiro canhão disparado levava-lhe uma perna. Passados nove annos, no Castello de Torres Vedras, batia-se como um leão; era feito prisioneiro, desterrado para a Costa d'África, deixando a sua grande casa, patria, amigos, familia; um filho nas enlranhas da mulher que adorava, e com o mais desenganado bom humor gabava-se da sua — *bóa estrela!*

Monte do Caparica, Torre, 1901

BULHÃO PATO.

(1) Ineditos do 3.º volume de «MEMÓRIAS».

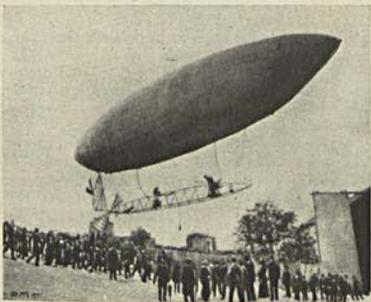
O balão Santos Dumont



Santos-Dumont

espalhado pela trombeta da fama. E' o sexto globo do celebre aeronauta que hoje damos á estampa, o sexto que foi o vencedor, e damol-o, quando elle desce em Saint Cloud, curioso por saber o tempo que tinha gasto.

O programa era difficil: em meia hora fazer o percurso todo desde



Chegada do aeronauta a Saint Cloud

— Quanto tempo gastei?

o parque de Saint Cloud á Torre Eiffel e voltar. Partira eram 2 horas e 42 minutos, em presenca dos presidentes dos clubs que formavam o jury. Em nove minutos, chega á torre que elle dobra do lado do norte, para reaparecer logo á direita, galgando o pilar do sul. N'esse momento os espectadores agitam-se e percebem que a victoria deve ser d'elle. Mas o vento, agora na volta é lhe contrario, apesar de não ser muito forte; o aerostato faz a sua manobra, passa em Auteuil, passa sobre Longchamp, já aclamado ruidosamente e cili o no parque, onde o saudam milhares de bocas com vivas atroadores. Mas ainda não é tudo. Para cumprir o programma, o globo tem de descrever ainda uma curva muito accentuada, antes de descer. E' n'esse momento que elle pergunta:

— Quanto tempo gastei?

E os dois vogaes do jury dizem-lhe que passam 40 segundos da hora. Então a multidão, impellida por uma força extranha, toma o partido do aeronauta, que continua victoriando. Elle quer tornar a subir, mas os assistentes protestam:

A questão versa então se o guia tocou ou não a terra antes dos 40 segundos: apparecem testemunhas dizendo que sim, pro-

va-se, e a opinião da commissão divide-se, tanto mais depois do telegramma que d'Amiens envia o sr. Deutsche, doador do premio de cem mil francos, felicitando-o por elle o ter ganho.

Está n'este pé a questão, e d'aqui á 4 dias, talvez mesmo quando este numero do *Brasil-Portugal* apparecer á venda, se saiba já ao certo a resolução do jury que todos esperam se cifre na concessão do premio.

De resto, essa importancia é para os pobres de Paris. Declarou-o já ha muito generosamente o illustre aeronauta que acaba tão brillantemente de honrar o seu nome e o nome do Brasil.

Por todos estes motivos não podia deixar esta Revista de lhe prestar a homenagem devida.



O jury

A Rita do tio Simão

(Conto)

NOITE de inverno, fria e desolada. Na escuridão da noite morta, scintillam luzes de vagalumes, e, de quando em vez, um pio de coruja quebra asperamente o silencio, apavorando as almas timidias e assustadissimas.

A casa de molinho do tio Simão fica encravada no meio da encosta do monte. O rio flue lá no alto e, por entre pedras esverdinhadas e grossos troncos, rói mórmoreo até á planície, enchendo os alcastruzes da azenha e movimentando-a para o trabalho da moagem.

O vento agita implicavel as arvores, contorcendo-as, arrancando-lhes as folhas, furiosamente.

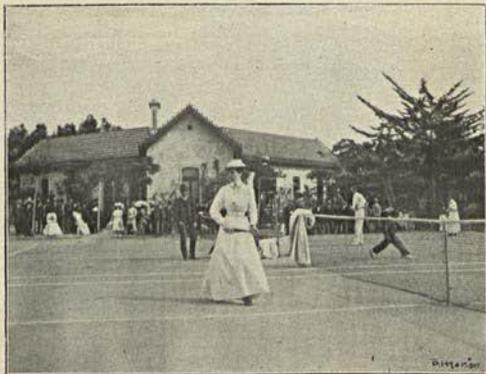
No seu quarto de solteira — que a luz amarelada e bruzoleta de uma candeia de azeite mal alumia — Rita escuta, assentada na cama, desamparada e quasi odida, a ventania sibilar lá fóra, bater atterradoramente em seu postigo fechado, e afastar-se depois...

O pai não mais a ama, odeia talvez, desde que soube que a filha gostava do Domingos, o rico possuidor de terras e de campos cultivados. Ella era tão pobre e o Domingos adorava-a loucamente! Falara-lhe, por vezes, em casamento! A rapariga corava deliciosamente, abaixava a cabeça e, escondendo entre as mãos pequeninas o rosto lindo, respondia-lhe num fio doce de voz: — Se o pai quiser...

— Tu é que deves saber, Rita. Quando quizeres vamos á igreja, rematava o Domingos, tirando amorosamente a filha do tio Simão, que desaparecia a correr numa volta da azenha.

Na tarde desse dia, quando ella foi de cantar á cabeça bucar agua no rio, o Domingos sabia repentinamente de traz de uma espessa mont de bambús, onde estivera escondido, e, batendo-lhe uma palmadinha nas costas: — Então? Que decidiu o velho, benzinho, pergunta, cravando gulosamente o olhar voluptuoso nas faces molhas e rosadas da montanheza, revelando maravilhosamente da pubere para a moedinha ambicionada.

O torneio internacional de LAWN-TENNIS em Cascaes



Uma jogadora togieira

Rita estava assustada; mas reconhecendo o amorado, pediu que a deixasse em paz. Ella promettia falar nessa noite ao pai, e dar-lhe a resposta no outro dia, naquelle sitio.

Fiel á palavra dada, á hora da ceia, assentado o tio Simão á mesa, ella — depois de arrear o prato de sopa no logar do pai — passou-lhe o braço rolípe pelo pescoço e, beijando-o no rosto queimado pelo sol, perguntou:

— Pois já não estou mulher?

— É muito linda e trabalhadeira! acrescentou o velho moleiro orgulhoso, acarinhando a filha, com um sorriso presenteiro e ativo. Elle vivia para a sua boa Rita.

Quando lhe morreu a mulher — havia doze annos — o desgraçado ter-se-a suicidado sobre o seu cadáver, se não estivesse na obrigação de criar a filha, que lhe ficava pequena e franzina, com quatro annos de idade. E criara-a, e ella estava já uma invejada rapariga. Agora elle trabalhava como um mouro para lhe arranjar um dote. A perda da mulher, que elle amara com extremos, fora um golpe profundissimo que o punha dolorosamente.

No dia seguinte ao do seu enterro, teve elle, porém, a prova medonha e cruel de que a esposa o enganara um anno antes de fallecer, com o Domingos, o seu fiel amigo! Uma carta escripta na obrigação de criar a filha, que lhe ficava pequena e franzina, com quatro annos de idade. Domingos desapareceu daquelles sitios, sem que ninguém mais o visse. E de que lhe serviria escalar o muro de um cemitério, violar uma sepultura e cuspir nas faces tumefactas e enegrecidas de um cadáver e bradar impiedoso: — Tu foste uma creatura vil, indigna do meu nome honrado!

Silencio, calando os mais justificados protestos de vingança, só porque não queria comprometter o futuro da filha, nascida contra a mulher o idolatrava com os ardores dos primeiros annos de casada.

— E que estou em idade de casar?... ajudou ella, ruborizada, olhando o pai com os grandes olhos negros, cheios de immensa ternura e de uma tão grande bondade.

— Tu estás muito criança, murmurou elle velhacamente.

— Criança, repetiu ella — com 16 annos de idade! Real E ri-a-se gostosamente, nos braços paternos.

— Criança... criança, não! emendou o velho moleiro. Estás... quasi mulher; mas ainda é muito cedo para andares a pensar nessas cousas. Quando tiveres vinte e quatro annos e muito juizo, eu mesmo arranjar-te-ei um moço. Como? E o seu casamento com o Domingos? Pois elle não lhe jurara um grande amor?! Quando ella o via, perturbava-se toda; órava e sentia — numa onda de affectos — seu coração e seus pensamentos voltarem-se para elle apaixonadamente. Amava-o. E Rita tinha de sacrificar o Domingos, que a queria tanto, pelo outro que o pai lhe impozesse e por quem ella não sentira o minimo affecto! De subito, porém, teve um impeto de revolta.

— Mas... eu gosto do Domingos, disse affectuosa e humilde, procurando descobrir o effeito da phrase no animo do pai. Eu quero-me casar com elle! Rita agora está pallida, todo o sangue reduziu-se para o coração, que bate descompassadamente. A imperativa daquelle seu quarto, podia desgozar e indispor o velho Simão contra si; e começava a arrepender-se...

— Com o Domingos?! exclamou o moleiro num nullo de raiva. Nunca! Ah! o canalha... Recho-o!

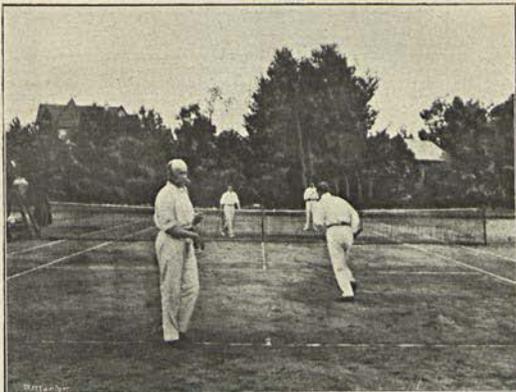
De um salto, agitado, tremulo como um junquinho, o tio Simão post-se de pé, no meio da sala. Seu olhar tinha um brilho de aço erú, amesador e cortante.

A filha cahiu-lhe aos pés, chorosa e supplicante:

— Meu pai!

— Já te disse. Não has de casar com elle. Oh, o patife! Amanhã vaes para um convento, professor. Quero fazer-te freira. E estas ternas, o moinho e tudo o que era teu dote, deixo-o, em testamento, á nação, quando eu morrer com a

O torneio internacional de LAWN-TENNIS em Cascaes



O infante D. Affonso jogando

cabeca despedaçada pela roda da azenha. Já não tenho familia a quem faça falta.

— Meu pai! — repetiu a coitada.

— Tu não és mais minha filha. Levanta-te d'ahi. E segurando Rita pelo braço: — Recolhe-te ao teu quarto, arranja o que te pertence, e amanha toca a andar.

Depois foi tambem deitar-se, agitado, enferecido e muito mal humorado.

No seu quarto de solteira — que a luz amarelada e bruxuleante de uma candia de acetis mal allumia — Rita escuta, assentada na cama, desamparada e quasi odiada do pai, a ventania sibilar lá fora, bater agoramente em seu postigo, e affastar-se depois...

O pai não a ama mais! Ódeia, talvez! Pensa. Nunca mais, ah! nunca mais seus olhos verão o velho amado do Domingos. Vai amanha entrar para um convento; para sempre, para sempre! Nunca escuta colla amortalhada entido a sua belleza, sua moicidade, e esse grande amor que dedica ao Domingos, e que pai o acaba de amaldiçoar!

Rita sente um desespero mortal anavalhar-lhe a alma, numa afflictão cruelissima e torturante.

Ergueu-se do leito e, cauta, caminha sem fazer o minimo rumor até o fundo do aposento. Ha uma janella que deita para o rio, e que ella abre. O vento amanha. A desditosa espia a tremor com o frio da noite e o medo de que o pai não vualha surpreendê-la alli — o cô escuro e fundo.

Deus?! Onde estava Elle, e porque não vinha alliviar a magua que a torturava tanto?

Em baixo, as aguas faziam um ruído enorme, na azenha.

Rita teve então uma idea. O pai não disse que iria mudar-se amanha, ali, n'aquelle logar terrible? Prometteu-lhe. Estava bem. Não lhe resta mais a esperanza de ver o Domingos; o pai não mais a ama, odia, talvez! É uma desgraçada! Chora.

A filha do tio Simão achou de galzar o parapeto da janella. Está suspensa ás bordas do abysmo. É uma allucinada. Não a apavora o escachocer grosso da casa-casta. Benze-se, cruza as mãos sobre o peito e solta-se no vazio... Nem um ali um grilo que se seja, escapa dos seus labios.

Apenas o estrodo que arranca o corpo cabindo de encontrar á porta de ferro da reprez, vai despertar o velho moleiro que dorme.

O tio Simão, de um salto, chega no mirante e grita para fóra sobretalitado: ehi... ehi... hí... hí...

Ninguém o responde. Vem deitar-se, de novo, tranquillo, mais calmo.

A agua dos alcatruzes da azenha numa dolorida melgurela, pingue, pingue, cahia em sotapos fundos, pondo na mansuetude da noite fria e sem estrellas, o estertor sombrio de uma extranha musica, apavorante e cava. Dir-se lá que alli chorava o coração do Domingos!

Pará — Outubro, 1901.

AGOSTINHO VIANNA.

O torneio internacional de LAWN-TENNIS em Cascaes



El-Rei jogando com os sportmen ingleses que vieram de Londres expressamente tomar parte no torneio

NUMA das nossas anteriores revistas e a propósito da aliança franco-russa escrevemos um certo numero de considerações, que alguns factos posteriores vieram plenamente confirmar.

Porisso não é de mais que voltemos ao assumpto, o qual alem d'isso ainda continúa na ordem do dia da imprensa politica europeia. Fizemos então notar, que a entrevista de Dunckerke tinha perdido parte da sua significação por motivo do encontro de Dantzig que a tinha precedido, e o visita de Kiel, que se lhe seguia.

Durante a estada, porém, do tsar em França deu-se um facto que, aparentemente insignificante, é o melhor commentario ás demonstrações festivas com que a terceira republica recebia n'esse mesmo momento o seu augusto aliado.

É o caso que o imperador Guilherme atravessou a fronteira russoprusiana de proposito para ir visitar a aldeia de Vychtynetz, distribuido n'essa occasião diante dos habitantes reunidos 5.000 rubros, que pelo nome do imperador Nicolau II, que d'isso o tinha encarregado á partida de Dantzig, eram destinados ás victimas de um incendio, que ali houvera. Ao fazer a distribuição acompanhou-a o *kaiser* de significativo discurso, pronunciado em russo, e no qual depois de exaltar a magnanimidade do seu «querido amigo», o tsar, pediu para elle em signal de agradecimento um caloroso hurrah, a que o povo correspondendo com enthusiasmo, acompanhando em seguida até á fronteira no meio das maiores ovas para o imperador Guilherme II, o qual, montado a cavallo, voltou outra vez para a Prussia.

Este é o facto tal como o conta o periodico semi-official *Varchavskij dnevnik* (Jornal de Varsovia) no seu numero 250. O commentario não nos parece difficil. O acto de Guilherme II, combinado de antemão com o imperador Nicolau, foi propozitado e preparado para a occasião mais opportuna.

Conforme o *Vestnik Evropy* (Mensageiro da Europa) na sua revista politica de 1/13 de outubro corrente, o imperador allemão accentuando na presente conjunctura as suas relações excepcionalmente amigáveis com a Russia, quiz pôr em paralelo perante o publico europeu este tranquillo e solido accordo com as calorosas manifestações exageradamente espectaculosas da nova dupla aliança por parte dos francezes.

E que o imperador allemão ligou grande importancia a esse acto provam n'ó bem as singulares condições em que o realiso, tudo pessoalmente, elle, o chefe do maior imperio militar do mundo, servindo de intermediario, n'uma posição subalterna pela força das circumstancias, do imperador russo, em territorio russo igualmente, onde elle não se achava por acaso, mas aonde foi de proposito, e onde não tinha que ficar, por isso que não se dá a distribuição do dinheiro voltou outra vez para o seu proprio paiz.

Toda estada *existit in fide* intencional, estudada cuidadosamente, foi preparada para impressionar a opinião publica europeia, surpreendendo-a por um acto, que não tem precedentes na historia das relações diplomaticas internacionaes. Entrevistas, com effeito, como a de Dunckerke tem havido muitas em todos os tempos. Espectaculosos como o de Vychtynetz ainda até hoje a pragmatica das chancellarias os não tinha admittido no seu protocollo. É forçoso confessar que muito mais do que Nero pediu Guilherme II orgulhar-se de ser um grande artista!

Refirimo-nos acima á revista russa *Vestnik Evropy*, e temos novamente que a citar a proposito do que ella no numero já alludido escreve sobre a aliança franco-russa. Não sabemos se os francezes, em geral muito pouco conhecedores de linguas estrangeiras, leram o artigo de que estamos fallando. Mas se o leram, e se attentaram bem na importancia que no mundo litterario e politico moscovita tem a revista em questio, devem estar a estas horas edificadas a respeito dos sentimentos que nas esferas illustradas russas dispersa a aliança, que nas margens do Sena tentamos enthusiasmos provoca.

A maneira como o *Vestnik Evropy* aprecia as exagerações do contentamento francez, chega a ser cruel, e reveste excepcional gravidade se considerarmos que na Russia e sobre politica só se escreve o que o governo consente, que se escreva, isto é, o que o governo quer dizer. Entre outras duras verdades faz notar o periodico russo, que não tão exageradas demonstrações de alegria por parte da França com motivo da visita do tsar só denunciam falta de confiança dos francezes na propria força, chegando a ser depreciativo da dignidade nacional o modo como elles se mostram agradecidos á Russia, por ella os não haver abandonado nas diversas crises, que a republica tem atravessado. Acrescentamos que o *Vestnik Evropy* que a dupla aliança para a Russia significa apenas uma combinação politica útil e conveniente, emquanto que para a França é um recurso salvador como garantia contra a Alemanha e os aliados do imperio germanico. Respondendo á subserviente affirmação de parte da imprensa parisiense que as festas de Dunckerke, Reims e Compiègne augmentarão a popularidade do Waldeck-Rousselle e consolidarão a situação do ministerio o que agora se faz com Emilio Loubé e o actual governo, ao se lhe amanha com outro chefe do estado e com um gabinete differente, porque da circumstancia do socialista Millerand ter sido, na sua qualidade de ministro do commercio, recebido affavelmente pelo tsar e pela tsarina, não se deve inferir que a diplomacia russa tenha em vista fortalecer a posição do referido Millerand ou do governo de elle far parte. E em este caso a imprensa de Estrasburgo e de Petersburgo a analysar a politica da França e a sua situação em face do aliado, que ella tanto corteja, a ponto de se chegar a duvidar se a aliança franco-russa ainda subsiste, ou se pelo menos os russos tencionam mantel-a por mais tempo, porque nunca os adversarios d'este convenio o apreciarão tão desapiedadamente e de fórmas

que tanto ferisse o amor proprio da França. Já não é só Tolstoy que condemna a aliança, como deprimente para o povo francez. São os proprios jornaes, cujas relações com as altas esferas governativas russas se não pôdem negar, que affinam pelo mesmo diapasão, lançando em rosto á França a sua subserviência.

Depois d'isto, quem poderá ainda acreditar no futuro do pacto hybridico que reúne os dois paizes?

As complicadas peripécias da politica europeia, por muito que absorvam a nossa attenção, não devem fazer-nos esquecer o que no extremo Oriente se passa com um povo em summo gráo interessante sob tantos aspectos — o Japão.

Desde o primeiro acto da sua emancipação social, ha uns trinta annos, o imperio do Mikado não deixou ainda de progredir, procurando com tenacidade sem par pôr-se ao lado das nações mais civilizadas do Occidente. A mais estrondosa revelação do nivel que a sua civilização attingiu foi a guerra com a China, a qual para a Europa constituiu verdadeiro deslumbramento, pelo inesperado e surpreendente dos resultados. E não se pense que a admiração do Occidente apenas a provocou a superioridade mais ou menos material dos armamentos guerreiros. Não. Provocou-a tambem e em alto gráo a esplendida prova de elevação moral, que estavam longe de supôr compativel com o modo de ser de um povo asiatico. Esta ainda na memoria de todos os orlens de exercito publicadas pelos generaes japonezes em plena campanha, inspiradas pelo sentimento da mais tocante humanidade para com os vencidos; as patrioticas subscripções das senhoras de Tokyo e outras cidades do imperio para obter donativos destinados a minorar os soffrimentos dos soldados, que n'um clima inhospito e em meio de terribes difficuldades se mantinham combatendo corajosamente a patria; as levantadas discussões da intelligencia do Occidente de todos os pontos da terra a intervenção das potencias occidentaes que, na liquidação final da guerra, pretendiam despojar a nação dos legitimos fructos d'uma campanha que tantos sacrificios de sangue e de dinheiro custára. Tudo isto está bem lembrado, porque é historia de honrem.

De então para cá o Japão não descansou á sombra dos louros adquiridos. Tinha sido grande na guerra. Quiz ser tambem illustre na paz, e se despezia em aperfeiçoar a sua industria. Esta ainda res, sem descurar o augmento da sua já hoje importantissima marinha, principiou a dirigir para a instrucção e para o fomento das forças vivas do paiz a mais cuidadosa attenção. Foi construindo caminhos de ferro; foi abrindo universidades e escolas; foi enviando em missões de estudo aos principaes paizes da Europa e da America os seus melhores estudantes. O resultado, como é natural, não se fez esperar. A industria desenvolveu-se, tomando extraordinarias proporções as transacções com o estrangeiro, até ha bem pouco reduzidas a insignificantem percentagem.

As sciencias e a litteratura principiaaram a florescer em prometteadora renascença. Publicam-se hoje ali annualmente aos milhares os livros. As revistas e os jornaes, propriamente ditos, multiplicam-se; espalham-se profusamente em todas as classes as idéas mais adelantadas da civilização do occidente. Que falta ao Japão para commerciar completa a sua transformação de antigo estado feudal e theocratico, n'uma nação moderna, emancipada de todas as velharias do passado? Uma unica cousa, insignificante na apparencia, mas de largo alcance futuro na realidade. Precisa libertar-se da tyrannia intellectual da China, bairnindo o obsoleto systema de escripta, que d'esta nação recebeu, e adoptando um dos alphabets do occidente — o latino, o gótico ou o cyrillico — os quaes de resto tão bem se adaptam á transcripção do japonês. Enquanto o Japão não der este grande passo, todos os progressos que fizer nas sciencias e nas letras serão apenas conquistas provisórias no dominio intellectual. A escripta chinesa, em que peze a todos os reformadores do imperio do sol nascente, partidarios do *statu quo* orthographico, ha de imprimir sempre o seu cubito retrogrado, por assim dizer hieratico, a todas as concessões que se fizerem. Nem tem a mais habilidade das graphias modernas para se ajustar ás exigencias de um idioma, a rapida evolução, nem tem a simplicidade indispensavel para servir de instrumento a uma lingua, que tem pretensões a ser orgão litterario de povo civilizado. Além de que a actual escripta sino-japoneza é de tal maneira complicada e confusa, que será sempre obstaculo insuperavel para todos aquellos que desejem travar directo conhecimento com o movimento das idéas, tal como elle se manifesta nos livros e na imprensa periodica do Japão.

Foi isto mesmo que comprehendeu o illustre publicista Hajime Hoshi, editando em Nova York uma esplendida revista mensal intitulada *Japan and America*, escripta em inglez e japonês, este ultimo transcripto em caracteres latinos. Tem esta revista duplo fim. Primeira mente fazer conhecer o Japão ao Occidente e o Occidente ao Japão, por meio de chronicas e noticias dos mais importantes acontecimentos do Occidente e do Extremo Oriente. E em segundo logar fazer ao Japão e nos centros japonezes do estrangeiro a propaganda da escripta em caracteres latinos (*romaji*), afim de ir preparando o terreno para a grande reforma, que acabará de libertar o Japão da influencia chinesa, que, até certo ponto e por meio da escripta, ainda o tem manietado. Como se vê, a tentativa merece toda a attenção da Europa, porque no dia em que o Japão puder, graças ao alphabeto latino, dar ao seu movimento litterario todo o impulso de que elle é suscetivel, terá dentro de vez na liza da civilização moderna mais um campeão cheio de ardor e ousadia.

A casa de campo do actor Brasão

Muita gente ha de imaginar que o actor Eduardo Brasão quando, chegada a estação calmosa, se retira para a sua magnifica casa no Gradil, vai viver n'um *duice fare niente*, n'um repouso de sybarista.

Não é nada d'isso. Brasão vai ainda occupar se da sua arte, d'essa arte em que conquistou tão grandes glorias e tão grande nome! O Gradil não é morada de repouso para Brasão. Elle tem ali o seu theatro, onde representa e onde faz representar as pessoas de sua familia, os seus amigos, pois para se a Brasão faltasse a atmosphera da arte lhe faltaria a vida, porque a vida para elle é a arte!

O theatro

N'uma casa mandada construir para esse fim e que não terá mais que vinte metros de comprimento por dez de largo, fez o nosso grande actor Eduardo Brasão um elegantissimo theatro, ul-



O grupo de artistas amadores do theatro Brasão no Gradil

pele escultor Carlos Machado. A' direita está um grande quadro com as photographias dos amadores que fazem parte do grupo do theatro e mais abaixo, no mesmo lado, por sobre a porta que dá para o palco e camarins vê-se uma artistica cabeça de burro em loiza das Galias, quasi em tamanho natural. O animalinho, apesar de ser de barro, tem a mangoeira bem provida de palha.

Disse-nos o eminente artista que aquella cabeça de burro era o symbolo da sua *Mascotte* e contou-nos a proposito uma engraçadissima historia, que nos abateamos de reproduzir por ser longa.

A platá em plano inclinado, comporta cento e tantas cadeiras na forma das do theatro de D. Amelia, e são em ferro e faia, polidas na cor natural da madeira, o que dá á sala um ar de conforto e alegria que encantam.

O palco é a ultima palavra no seu genero, e, apesar de pequeno, os amadores que n'elle representam movem-se á vontade e tem accommodações para tudo. A capúa do ponto é em peluche com pregaria dourada. Os suspensos dos candieiros da ribalta são em metal tambem dourado. O panno de bocca, magnificamente pintado por Augusto Pina, representa uma encantadora figura de *pierrette* levantando as cortinas como convidando o publico a entrar. Vimos, armada, uma sala Luiz XV com a competente mobilis, que é um mimo de bom gosto e elegancia, que estamos poucos habituados a ver actualmte nos nossos theatros publicos e que nos provocou saudades dos antigos tempos do theatro Normal. Fogão, relogio e mais objectos necessarios

á scena são um primor de execução e foram expressamente feitos pelo aderecista do theatro de D. Amelia, sr. Carlos d'Almeida. Toda a ornamentação da sala é em estuque e foi executada pelo habil artista José do Monte. As obras de carpintaria do palco e machinismo, foram feitas pelo mestre Alfredo Rocha do theatro de D. Amelia, que é um dos nossos melhores artistas n'aquelle genero. Todos os trabalhos foram desempenhados sob a immediata vigilancia do actor Brasão, que dirigia tudo com o fino tacto que se

lhe conhece, e que, muitas vezes, despidio o casaco, trabalhou como qualquer operario.

A maior parte da sala foi elle quem a dourou. Emfim o theatrinho da quinta de Sant'na é um verdadeiro *bijou* e a ultima palavra em elegancia e bom gosto.

Vê-se ali tudo e tudo bom, nada falta, absolutamente nada; campainhas electricas, uma para chamar os espectadores, outra para os artistas, ha de tudo como nas grandes casas de espectáculos, até o mais insignificante accessorio. O actor Brasão, que é incançavel, mal se levanta, de manhã cedo, vai logo para o theatro pôr tudo em ordem. Elle é carpinteiro, scenographo, illuminador, aderecista, ponto, ensaiador, e faz tudo só, sem pedir auxilios, sempre sorridente e de bom humor, para



A casa do actor Brasão no Gradil

tima palavra no genero e que serve para sua distracção particular e de divertimento a numerosas pessoas das suas relações.

A sala dos espectáculos tem nove metros de fundo por sete de largo e é toda em estylo entre Luiz XV e Luiz XVI, predominando muito o branco e dourado. O tecto, perfeita novidade, representa um grande guarda sol aberto, entremado de flores em relevo, douradas, copia do natural, tendo as ponteiros á seguras por fortes correntes de metal.

O proscenio é d'um finissimo gosto artistico e mesmo nos nossos theatros publicos não ha nenhum que se lhe avantege em belleza. Formando um arco abatido, é todo ornamentado de hastes com rosas, hera, trépedelras, copiadas do natural, modeladas em gesso e douradas. As paredes lateraes da sala dos espectáculos estão ornamentadas de uns elegantes *panneaux* em que o nosso grande tragico tenciona mandar collocar telhas representando motivos de peças de maior successo da sua tão gloriosa e vasta galeria artistica e em que elle e a distinctissima actriz Ilosa Damasceno contrastem.

Ao centro da sala, no lado esquerdo do espectador, vê-se um magnifico busto do actor Brasão no *Petrônio* feito



O palco e a sala do theatro de Brasão no Gradil

que nada falte aos seus *artistas*, que tem por elle verdadeira veneração.

Ao fundo da sala dos espectaculos, ha uma larga porta, que dá para a quinta e que abre em tres partes, a qual o actor Brásão, manda abrir em certas noites ao povo do logar que não tem entrada na plátia.

A iluminação é feita por seis lindos candelieiros presos á parede por artisticos braços de ferro dourado e a orchestra é pelo systema Bayreuth.

As recitas

Apenas houve tempo para dar duas recitas a que tivemos a felicidade de assistir, porque ha muito que não vimos um grupo de amadores tão disciplinados, tão distintos e que tanto honrem o mestre que se digna dirigil-os.

A primeira das recitas foi a 15 e a segunda a 29 de setembro. O programma da primeira constou das comedias em um acto *Crimos do Brásão*, *Posso fallar á Sr.^a Queiroz* e *Timidez do Cornelio Guerra*. N'esta ultima, que foi o clou da noite entrava o nosso glorioso actor, a pedido dos amadores que quiseram á força que fosse elle quem fizesse o papel que tanto renome lhe deu e em que tantos applausos conquistou, por ser inexcusavel de graça.

As outras comedias foram magistralmente representadas, sendo todos os amadores victorizados. N'um dos intervallos o sr. Julio de Maceo disse primorosamente um monologo e o actor Salies um



Uma scena armada no palco do theatro de Brásão, no Gradiil

versos do poeta brasileiro Damasceno Vieira, sendo ambos applaudidos. O scenographo Pina, que tinha ido afinar o seu scenario, teve a feliz ideia de se apresentar ao publico, fazendo caricaturas instantaneas o que provocou francas gargalhadas e fartos applausos.

A segunda recita esteve mais animada e compunha-se das comedias *Quem tem medo*... *Um anno em 15 minutos* e *Pragas do Capitão*. No desempenho da primeira d'estas peças distinguiram-se aa sr.^{as} D. Beatriz Nogueira, D. Maria Damasceno e o sr. Emiliano Veiga, que possuem dotes de verdadeiros artistas; na segunda brilharam aa sr.^{as} D. Carolina Nogueira, e D. Maria do Resgate Veiga, que se honraram como duas actrices de primeira ordem.

No desempenho d'estas comedias foram os sympathicos amadores auxiliados pelo novel actor Francisco de Salles do theatro de D. Amelia, que foi muito correcto. As *Pragas do Capitão* tiveram um desempenho que muitas vezes desejaríamos ver nos nossos theatros publicos: foram seus interpretes a sr.^a D. Julia Brásão Damasceno e o sr. Emiliano Veiga. Todos os amadores foram delirantemente applaudidos e brindados com flores e doces. Quando o entusiasmo estava no seu auge, os convidados pediram de pé a Brásão que recitasse... O grande actor, accedendo com galanteria á gentil solicitação, disse o Padre Nosso da *Mairugada* d'um modo arrebatador. Dir-se-hia que Brásão se excedera a si proprio, sentindo-se bem n'aquella atmosfera de familia e de arte. Não se descreve a enorme ovação que se lhe fez! Era uma verdadeira tempestade de applausos, bravos e flores! N'esta altura, foi profusamente distribuida pela sala uma formosa poesia do sr. capitão Pinto Ferreira, glorificando o grande actor.

Rosa Damasceno guarda tambem n'estas festas artisticas a sua parte. E' a caracterisadora, por excellencia, quem, com a sua experiencia e o seu talento encaminha e aconselha as noveis actrices do pequeno theatro do Gradiil.

A fechar o brilhante espectáculo exhibiu o actor Brásão, auxiliado pelo photographo João Coutinho, uns quadros dissolventes, graciosissimos, com caricaturas de pessoas conhecidas. Sempre que appareciam as caricaturas de Rosa Damasceno e Brásão, eram calorosamente saudadas com palmas.

Outubro, 30 - 1901.

BIONDINO.



O Fakir

ESTÁ sendo — e não é — para admirar — o acontecimento por excellencia.

Pois qué! Um homem, fakir ou não, da Inglaterra, da Noruega ou da India — nem isso vem para o caso — que faz o que annuncia e cumpre o que promete, que offerece a excepção singular, unica, de não ser charlatão, como todos os seus celebres antecessores, illusionistas, espirritistas, e tudo quanto acaba em istas, um homem loiro como qualquer filho do norte, alto, magro, de bigodes authenticos, de carne, pelle e osso, como qualquer mortal, um homem que se apresenta com a maior simplicidade d'este mundo, apenas alterada na entrada espectacular, em que se ajoelha, crusa os braços e recebe de um brasileiro fumegante o que muitos julgam ser anestesicos e outros creem ser incensos, um homem que se diz indio — provavelmente de Bordéus, ou de Christiania, e que dentro em pouco, ali, á vista de toda a gente, que por signal está com os olhos bem abertos, mette procos pelos braços, pelas pernas, pela lingua, pelo ventre, que queima o braço n'uma grande labareda, que enrosca serpentes vivas no pescoço, que mette a martello alifanges sfiados pela barriga dentro, que arranca fios da pelle como se os fiasse n'uma roca, um homem d'estes em Lisboa, ali, na arena do Colyseu, furando-se todo de *verdade*, e sem deixar logar a uma duvida, pode lá deixar de ser cousa do outro mundo. Póde lá deixar de ser inverosimil o que está vendo?

E ahí tem porque o Fakir é o acontecimento por excellencia.



A arte é a tradução da realidade, mas uma tradução mais clara e legivel que o original.

O que ha de mais tentador é o impossivel.

MICHELET.

O amor não é mais do que um prazer, ao passo que a honra é um dever.

CORNÉILLE.

Aos 18 annos ama-se tãojo indistinctamente; aos 20 ama-se; aos 30 deseja-se; aos 40 reflecte-se ao.

PAULO DE KOCK.

Recito menos os maus que fazem mal do que os bons que o deixam fazer.

G. M. VALTOUR.

E' o homem que honra a sua posição e não a posição que honra o homem.

L. PASTEUR.

CHRONICAS DE MARINHA

Fragata «Madagascar»

(Uma questão do tempo da escravatura)

1842



Fem 25 d'agosto de 1842 achava-se fundeada no porto de Loanda, pelo travez do Arsenal da Estação, com 45 brancas d'água em cada ferro, e em 15 de fundo, a corveta portugueza *Oito de Julho*. Estava um tempo magnífico, *escambo* declarado, a viração bonançosa, e apenas enrugava a superficie esverdeada do mar, no qual se reflectiam ao longe os morros do littoral avermelhado, mais perto as paredes da casa do Deposito, da capella do Cabo, as cubatas, e o verde escuro dos palmeiros da ilha.

A corveta escrupulosamente aparelhada, com todos os requintes da velha arte de marinheiro, ostentava-se garbosa, espezinhando n'água os seus mastros apurados, e as suas alcaixas brancas onde reluziam metais coroadas.

Construida no Arsenal de Lisboa pelos constructores Antonio Lopes, e Manbel Luiz dos Santos, lançada ao mar a 8 de julho de 1834, era um regular typo de corveta, igual a muitas outras das marinhas estrangeiras, porem sem ter nada de notavel.

Rijamente construida, de muita praça, e fraca tonelagem, porem de facil manobra e bonançosa, era propria para andar nos mares d'Angola, e para o serviço arduo e rigoroso da estação naval, a caça aos negreiros, e repressão do trafico da escravatura.

Em frente da fortaleza de Penedo viam-se bastantes navios mercantes á carga, cruzavam-se as barcaças de transporte indicando haver commercio, e lá á babcue da praia remavam vagarosas, ao som da toada dos cabindas, as talaveiras d'água, que regressavam do Bengo. Pela barra vinha entrando uma fragata, que pela forma do casco, pelo corte das velas, e pela manobra, bem mostrava ser navio de guerra disciplinado, e um dos muitos navios ingleses, que por lá appareciam no cruzeiro.

Era effectivamente a fragata *Madagascar*, commandante Fulk, e o echo das proesas na costa do norte já ha dias a tinha precedido.

A bordo da *Oito de Julho* observava-se com interesse o navio, que acaba de fundar perto do bombardeio, e no penol do qual tremulava a bandeira vermelha de Inglaterra. Era uma fragata de 24 peças no convex e meias baterias na toida, regularmente aparelhada, muito alterosa, e, ao que parecia, trazendo muita gente.

Pelas lanchas de cabotagem constava que tinha dado desembarque em Moembo, Zaire, Ambrizete, destruindo os barracões d'escravos, e estivera encalhada nos baixos da Muanda, onde perdora ferros e escarpelos na faina do safar. Certo é que nos turcos apenas se via um escaler e a canõa do commandante, e que não trazia outras ancoras além das duas, que acabava de largar.

Uns *dongos* grandes suppriam as embarcações perdidas.

O commandante Fulk era um official energico, tinha feito a guerra Peninsular, e assistira como guardamarinha ao combate de Trafalgar, e além d'isso — informava o velho Gaspar, mestre da corveta, que o conhecia d'esse tempo — navegava muito, e falava correntemente o portuguez. Tal era o official escolhido pelo governo inglez para dar cumprimento ao tractado para a completa abolição do trafico da escravatura, celebrado entre Sua Magestade a Rainha de Portugal, e Sua Magestade a Rainha do reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda, e assignado em Lisboa pelos respectivos plenipotenciarios a 3 de julho de 1842.

E' conhecido o decreto de 10 de dezembro de 1836 prohibindo a exportação d'escravos de todos os dominios portuguezes. Dando-lhe exaucto cumprimento, seis annos havia já, que os nossos navios de guerra cruzavam nos mares d'uma e d'outra costa africana, e os officiaes de marinha trabalhavam com toda a dedicação e desinteresse a bem d'aquella

causa sympathica e philanthropica. Dizia-se então que sem escravos se arruinavam e perdiam as provincias ultramarinas. Não foi assim, para gloria nossa, e a marinha de guerra, sempre entusiastica pelas idéas da liberdade, não se contentou multissimo para provar, que as colonias haviam de prosperar vivendo honradamente.

Foi um escaler com official aos cumprimentos, e quando regressou participou ao commandante, primeiro tenente Francisco Antonio Gonçalves Cardoso, que o commandante inglez ia mandar registrar os mercantes fundeados na bahia, e assim procedia por haver suspeita de que alguns d'aquelles navios andavam encareirados no trafico para o Brasil.

A resposta do commandante portuguez foi digna e energica, simples e decisiva, sem phrases theatraes, que tão mal se casam com questões diplomaticas, onde se joga a honra da nação. Recordando-lhe estarem as embarcações fundeadas n'um porto nacional, e ao abrigo da jurisdicção do Estado, lembrava-lhe o § 4.º do artigo 3.º do Tractado, que claramente dizia: "não será licito visitar, ou deter, debaixo de qualquer pretexto ou motivo que seja, embarcação alguma mercante fundada em qualquer porto ou ancoradouro pertencente a qualquer das Altas Partes contractantes, ou ao alcance do tiro de peça das baterias de terra, salvo se por parte da auctoridade do paiz se pedir auxilio por escripto."

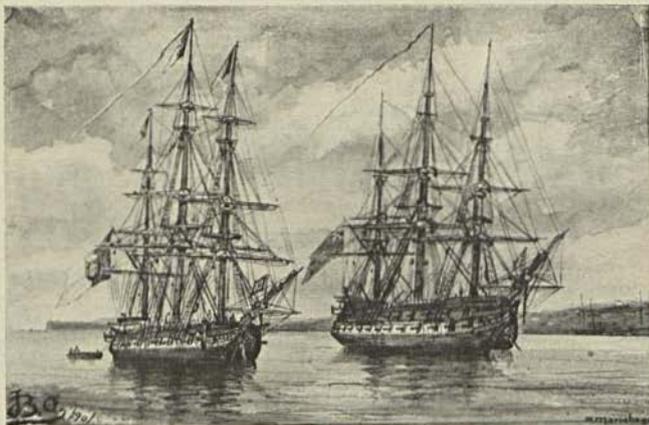
E mais dizia, se ainda assim tentava registrar qualquer navio dentro do porto de Loanda, elle havia de oppôr-se pela força, embora a artilheria da sua fragata mais poderosa o mettesse no fundo.

E juntando ás palavras o exemplo, ao mesmo tempo que o informava da sua resolução, espiando um ancorote para o lado da fragata, a corveta *Oito de Julho* foi prolongar-se com ella a tiro de pistola, disposta para um combate desigual, sacrificando navio e guarnição em defesa da honra portuguesa.

O primeiro tenente Gonçalves Cardoso, fizera com denodo as campanhas da liberdade; era um official de optimos credits, agora plenamente confirmados. Era immediato o primeiro tenente Antonio José Freire, e os restantes officiaes do estado-maior, os segundos tenentes Bruno White, Antonio Augusto d'Oliveira, e o guardamarinha Alvaro de Sousa Soares d'Andrea.

A guarnição, proximo de 180 praças, estava em parte reduzida pelas febres, guarnecer pressa, serviço de lanchas, falta de commodidades, pessimos mantimentos, por mil privações d'uma vida de trabalho, abnegação e soffrimento, como era n'aquella epoca a profissão de marinheiro.

Tres dias estiveram os navios prolongados, e a lancha armada em guerra cruzando entre os mercantes.



Desenho de J. Braz d'Oliveira

A toutinegra

(Ballada)

*«Loiras tranças, tam bonitas,
Soltas ao vento, a voar,
Onde ides vós, pequenitas,
Tam depressa a caminhar?»*

*«Onde vamos, pegureiro?
Vamos indo, sem parar,
Em demanda d'um coveiro
Que nos queira auxiliar.»*

*«Um coveiro? ó ceus! ainda
Mais eu terei que escutar!
Qual de vós, tão pura e linda
Já se deseja enterrar?»*

*«Pegureiro, a morte negra
Andou no bosque a adejar,
E matou a toutinegra
Que ali se ouvia cantar.»*

*«Ide, então, loiras pequenas,
Colhei rosas de toucar,
E com lírios, açucenas,
A' cova a ide levar.»*

*«No alto d'aquelle cerro,
Em leito de nenufar,
Faremos o seu enterro
A' noite, á luz do luar.»*

*«Mal sabeis quanto me alegreis
A vossa afeição sem par
Pela infeliz toutinegra
Que não mais torna a cantar.»*

*«Que cortejo, a passo brando,
Vae na estrada a deslizar?
Dois anjos o vão guiando
De tranças d'ouro a voar.»*

*Sobre um esquivo catita
D'açucena e nenufar
Lá vae morta uma aveita
Sobre rosas de toucar.*

*Não leva os psalms da regra;
Como havia de os levar
Se vae morta a toutinegra
Que os poderia cantar!*

*Já se ouvem os alvíos,
Já se abre a cova do luar,
Minhas loiras illusões
Lá vão minh'alma enterrar.*

*Cantou saudades do ninho,
Cantou folgadas do luar,
Enterra-a com carinho
Que inda a podeis magoar.*

*Teve notas maviosas,
Teve açitas p'ra voar,
Agora em leito de rosas
Ella ahí vae p'ra não voltar.*

*Bafejou-a a morte negra
Que m'á andava a namorar,
O' minh'alma, ó toutinegra,
Quem mais te ouvirá cantar?»*

Na corveta estava a gente bem disposta, e prompta á primeira voz a correr á postos, a guarda reforçada, e os officiaes vigiando com cuidado.

Da tolda da *Oito de Julho* olhava-se para cima para as baterias da fragata, e o bom velho Gaspar, o mestre do navio, envergando a sua melhor farda d'uniforme, fitava ora carrancudo as peças da fragata, ora ansioso e com interesse os mastros e apparelho da corveta, e como puzera todos os seus desvellos e sciencia, antevendo que á primeira bordada da *Madagascar* tudo aquillo desarrorava, e ia pela borda fóra, perdendo-se o seu monumento de gloria, o seu dilecto primor de tantos annos.

De bordo da fragata não se fez a menor demonstração hostil. Olhava com certo assombro para o pequeno e audacioso navio, que lhe ficava debaixo das baterias, e cuja tolda descoberta podia ser varrida pela mosquetaria da taifa, pelos arcabuzes e pedreiros de gaves, que lhe ficavam a cavalleiro.

E' claro que de lá não foi nenhum escalar a registrar, e ao terceiro dia atracava por estibordo a canôa da fragata conduzindo o commandante.

Desistindo de fazer o registro dos mercantes, Falk vinha cumprimentar o commandante Cardoso, e manifestar a sua consideração pela attitude correcta do seu distincto proceder. Bem avaliava, que entregue a officiaes de tantos brios, estava garantido o cumprimento do tractado para a abolição da escravatura. E depois olhando para as coronadas, perguntou: como com taes peças se atrevera a expor-se á sua bateria.

A resposta do tenente Cardoso é d'uma simplicidade heroica. Eu bem sabia que iam para o fundo, mas tinha cumprido o meu dever.

Ao largar de bordo o commandante britannico a corveta salvou com 17 tiros, e bandeira ingleza no tope de proa, agradecendo a fragata com igual numero de tiros e bandeira portugueza em igual mastro.

Depois, como querendo suavisar aquelles indicios de guerra, e a insolita exigencia, que fóra dignamente repellida, em jantares e mutuas visitas, firmaram os commandantes e officialidade o tractado de paz e amizade para o desempenho do serviço, que juntos iam emprender, ainda que sob bandeiras differentes.

E o mestre Gaspar repetia com orgulho: ter o commandante Falk auido até meia enxarcia grande de estibordo, e de lá admirara o conjunto do navio, elogiando singularmente o apparelho. E como para suavisar o espirito dos cuidados que tivera, fingia acreditar ser impossivel a um bom marinheiro de Trafalgar fazer, a sangue frio, destruir aquillo tudo.

No dia 30, ao calar da viração, largou a *Madagascar* em cruzeiro para o sul. Confiana na guarda das auctoridades nacionaes não mais deu desembarque a queimar as feitorias d'escravos, e servia sempre com lealdade e distincção, de accordo com os nossos cruzadores. Algumas vezes encontravam-se no mar os dois navios, e as suas lanchas de cruzeiro prestavam serviços valiosos.

Quando a lancha da *Oito de Julho* esteve quasi alagada na foz do Quanza, onde entrou á procura do tenente White, o tenente Oliveira achou acolhimento na garnição ingleza apresadora da barca *Hermelinda*, do celebre armador Pompo do Carpo. Esse destacamento era da fragata, e portuguezes e inglezes compartilharam d'igual magoa ao verem a lancha da *Madagascar*, que se virara na barra, perdendo 25 praças e um tenente, duas horas antes de lá entrar com incrível felicidade a lancha da corveta.

Ha pouco mais de meio seculo que tudo isto aconteceu, e como tudo parece que vae longo. Nem um só navio resta d'esse tempo, raros são os sobreviventes d'aquellas garnições, e lá quasi ninguém se lembra dos serviços da marinha na repressão da escravatura.

Se a nossa historia maritima se adorna com guerreiros louros de combates e triumphos, tambem se pode engrinaldar com mais uma palma gloriosa, d'onde rescende como suave perfume a nota de sentimentos philantropicos, mais d'accordo com o sentir e crer de nossos dias.

JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA.



Realisar os seus sonhos; eis a vida dos pintores.

ALFREDO MUSSÉT.

A expressão deve ser exactamente igual á impressão.

AUGUSTIN FILON.

Porto, 1901.

MAXIMIANO RUCCA.

José Maria Lisboa

ESTE illustre jornalista Paulista, que esteve em Lisboa ha poucos mezes, nasceu em Portugal, mas foi muito novo para o Brasil, á procura de trabalho. Começou a sua carreira nas officinas da Livraria Laemmert, mas pouco depois trocava o Rio de Janeiro pela cidade de S. Paulo, entrando como compositor no *Correio Paulistano*, onde breve começou a collaborar litterariamente. Revelou-se então o jornalista e o escriptor. As suas cartas humoristicas n'esse jornal fizeram epocha, formando depois com os contos o seu volume *Cousas e Loucas*. Indo para Campinas, fundou ali a *Gazeta*, onde collaboraram os litteratos então mais em voga e com os quaes se relacionou logo. Absorvia-lhe a attenção a *Gazeta de Campinas* mas não lhe observia o tempo, porque o repartia ainda com outros trabalhos: artigos no *Correio*, a edição annual do *Almanach litterario de S. Paulo* e outros.

Em 1874 volta a S. Paulo e assume a gerencia do diário *A Provincia* fundado pelo partido republicano e dirigido politicamente pelos drs. Francisco Rangel Pestana e Americo de Campos. Deixando a *Provincia* fundou então o *Diario Popular*, que conta já 17 annos e que reflecte perfeitamente os sentimentos democraticos e o feitiço jovial do seu director, hoje decano da imprensa paulistana, admirado e estimado. D'essa admiração e d'essa estima é exemplo a grande votação que o seu nome obteve em 1891 para o congresso constituinte do Estado, esse nome que é o de uma das individualidades mais salientes na sociedade brasileira que trabalha e que pensa.



José Maria Lisboa
S. Paulo (Brasil)



O AMOR

Ao Senhor Conde de Monsanto;

I

Vida dos outros... Quanta dôr! E custa
Vê-los soffrer assim e assim chorar;
E é porque seguem uma lei injusta,
Porque passam no mundo sem amar.

E ha mortes, guerras:— tudo quanto assusta
E convulsiona a Terra, o Céu, o Mar...
E ha muita gente, que parece justa,
Que vê o mal e fica sem falar.

Que fica n'essa inconsciencia enorme
De não prever que a antiga voz que dorme
— A antiga voz do soffrimento humano —

Ha-de acordar annunciando o Amôr
— Vibrante de alegria e de vigor,
Multipla e forte como a voz do Oceano!

II

Amor! Amor! E esta palavra tem
A força redemptora de Jesus;
Que venham entendê-la e ouvi-la bem
Os que teem o olhar affeito á luz;

Que venham os humildes e tambem
Os famintos, os rôtos, mais os nús;
Que venham as creanças, porque a Mãe
Não lhes diz tudo a quanto o Amor conduz;

Que venha o mundo todo, toda a vida,
Rasgando a noite, quasi que vencida
No seu profundo e mentiroso cahos;

P'ra recolherem a palavra forte
Que vence o tempo e desafia a Morte
E torna bons os corações dos máus!...

III

E á voz que falla assim e que entenderam
— Voz que tem a doçura d'um Perdão —
Partem os que choraram e soffreram,
E a soffrer e a chorar caminharão...

Partem os que no odio envelheceram.
E os que vivem na Paz e na Illusão,
E os que, de muito esperar, se desesperam
— Numa ansiosa peregrinação... .

Partem á busca da serena voz
Que se não cansa de chamar por nós
E que não sabem onde se creou.

Querem beijar a bocca onde florece
— Como um grito, um sorriso e uma prece —
A palavra em que a Vida triumphou...

IV

Mas na estrada que seguem morre o dia,
E o horizonte é indeciso e baço;
E a clara voz é sempre fugidia
E sem tremôr de febre ou de cansaço.

Onde vae ella? D'onde nasceria?
— Como o choro do vento pelo espaço,
Quando parece morta ou na agonia
Renasce, ainda mais forte, a cada passo...

E os peregrinos cansam-se a buscá-la:
— Ora do Mar, distante, é que lhes fala,
Ora dos bosques, perto e de mansinho...

E sob o alto Céu — alto e severo —
Exhaustos de fadiga e desespero,
Caem na terra inculca do caminho...

V

E é um enorme campo de batalha...
Nascendo sobre os montes esbatidos
A Lua, triste e pallida, amortalha
Os fatigados corpos dos vencidos...

Mas quando a Aurora nasce, na grisalha
Multidão que dispersa, nem gemidos,
Nem gritos se ouvem, nem p'lo ar se espalha
A blasphemia dos sonhos destruidos.

E a palavra de Amor vibra outra vez;
E os peregrinos, n'essa embriaguez,
Da manhã, que desfaz as illusões,

Sentem que a voz altiva que os chamára
— Aquella voz deliciosa e clara —
Partirá dos seus proprios corações!

Antonio da Cunha Sotto-Maior



ENTRE a sociedade trovadorésca, afrouta, vertiginosamente bulhosa, de ha sessenta annos, e a sociedade utilitarista, rebalsada, ordeira, dos nossos tempos, que profundo abysmo!... Que disparidade enorme entre as duas gerações!... Uma, um tanto byroniana, garbosa, dominada por *la folle du logis*, viajava adoidada n'essa Bohemia em que o rei de Charles Nodier tinha sete castellos, embulva suas crenças nas seges de bandeirinha, batia para as *parties fines* na calmente frescura de Cintra, á luz morna do nosso luar, que corria pelos campos fora como um leite misturado de diamantes. Janotava no Tivoli da Flor da Murta, lagrimejava no Salitre e na Rua dos Condes, arremontava-se sob as bandeiras partidarias desfraldadas no theatro de S. Carlos, onde as bellezas pulullavam desde a friza capitonada até á torrinha areia.

Revalidava seus nobres pergaminhos, arrojando-se com furia leonina, entre o granizar das balas, em defeza de seu altivo brázão, da sua carta de alforria, do amor á liberdade que lhe estuava no peito; e, quando revolucionaria, quando electrizada pelo sopro poderoso do patriotismo, sabia morrer como Catilina, envolta na purpura das batalhas. Traçava com garbo marcial a capa branca do romantismo, enlevava-se nas chacaras e nos solaus, ria com a exuberancia de vida dos deuses homericos, com a alegria vivaz de um hymno em que ressoassem as vibrações potentes dos clars.

E' muito outra a presente geração revésa. São muito outros os nossos adonizados pisa-flores, os *barbics de agora*, *amoladinhos*, *trescalando piétes*, como se expressaria Filinto Elysio.

Antonio da Cunha Sotto-Maior, que se interessava devéras pelas futilidades graves do dandysmo, tornou-se um principe do *Smart*, um arbitro do tom, o tafal que melhor soube manter as tradições da alta correção e da infallivel elegancia na sociedade de 1840 á 1856. Perdulário da mais fina agua, carrasco inexoravel do dinheiro, teria animo de ir alugar a pyramide de Chéops, só para ahí offerrecer uma festa excentrica aos seus amigos, ou de se envolver em sedas ondeadas de Brussa, só para espantar o Chiado.

Espirito atilado, assimilador, brilhante, *très en dehors*, foi um foletinista turil, cujos foletins se diriam escriptos com a penna de Emilio de Girardin molhada no tinteiro de Theophilus Gautier; foi um tribuno eloquente, mordaz e borboleteador, cuja palavra era temperada por sal de essencia attica, mas que tomava o gosto do melhor sal portuguez, crystallizando-se de novo no seu verbo. Admirador de varias Bellas Helenas, que n'elle encontraram sempre um Iocrates desculpador dos seus *péchés mignons*, subdito fidelissimo de Sua Magestade o Amor, procurava o prazer sem complicações cerebraes nem sentimentaes, sem crises psychologicas nem tragedias do coração.

A vida de Antonio da Cunha, se não teve a placidez reportada de um idyllio perenne, a serenidade do anil mediterraneo embalando as ilhas como corbellhas de laranjas, não foi tão pouco destrozada pelos grandes revezes.

Era neto do Juiz da Inconfidencia e Dezenabargada Antonio Gomes Ribeiro, que presidiu á commissão encarregada pelos *senhores do Rio* — como Beresford chamava á Regencia — de examinar os papeis dos comprometidos na malfadada conspiração de 1817. Ainda muito novo, com os verdes annos doudejando-lhe no sangue, para nos servirmos de uma expressão garreticana, já elle dava que falar de si. Os documentos da Intendencia de Policia, que dormem sob a guarda vigilantissima dos insectos biblihorvos no Archivo da Torre do Tombo, alguma coisa dizem no tocante ao assumpto.

Uma parte de policia do Amaral Sombro, Corregedor do Bairro do Rio, affirmava que Antonio da Cunha era «o primeiro extravagante e dissipador que tinha Lisboa», frequentava desfacadamente os alcouces, os conservatorios do vicio tariffado, para onde mandava ir jantares oppiarios das casas de pasto, e sahia de sege com as venus-vagas mais sécias, as mais vibrantes bohemias dos beijos vagabundos.

Acompanhavam-n'o n'estes rega-bofes tres cadetes de cavallaria: o Godinho, o Pessoa e o Belfort. Referia tambem que elle andara de amorios com duas bonejas de alto colthurno (sem calembrir), a Antonia da rua Nova do Carmo e a Eugenia, que se abarregara depois com uma Izel, dansarina do Salitre, e, a seguir, que cortejava uma hespanhola, bailarina da Rua dos Condes, moradora nas casas baixas do largo da Abergaria.

A 27 d'aquelle mez houve em Bellas uma pandega de foz em fóra! Concorreram varios amigos do Cunha e a Eugenia, uma docil pequerrucha que dava a honra de colher a flor do seu halito aromatizado a todos os peregrinos do amor, e que, além da belleza physica de sultana, possuia essa belleza moral das cortezias — a prodigalidade. Bebeu-se a pleno copo, os risos crystallinos e frescos subiram como a esfuziada limpida de um repuxo, e, ao som da guitarra —

ainda não prostituída ás plangencias do fado —, cantaram-se modinhas de um repertorio salaz, das quaes nem o poeta defenderia a versejatura nem o musico o almirar.

No regresso da bambochata, planejaram um desafio para batida ou corrida á destilada.

Antonio da Cunha partiu adiante, a cavallo; seguiram-se-lhe cinco seges do Coqueijo e do Barbosa de Amorim da rua da Figueira, conduzindo a Eugenia, o cadete D. Francisco de Lemos, o Gerves cambista, o grande batoteiro e polhastro Jacome Pereira, o Lartiga, o Santos dos Tabacos, o Fidié, o filho do Camarate e o Guerra escrivão. Atraz das seges iam outros surcios, montados em piléas do conhecido alquilador Damião, que ficaram a perder de vista na correria desauatinada. Os bolleiros farfantes vieram batendo os aciatés e fustigando desalmadamente os espinhaços apocalypticos dos cavallícoques escanifados, e as camrípans chegaram a Lisboa, não sem terem feito prejuizos pelo caminho, affirmava o Corregedor.

Quatro mezes depois da patuscada de Bellas, officiaava o Corregedor do Crime do Bairro de Andaluz ao Intendente Silva Belfort, que um cadete de infantaria prendera Antonio da Cunha, o que justificava com uma razão de escacha — era desafecto a real pessoa do senhor D. Miguel. Averiguou-se, porém, que a prisão tivera como causal uma birra por motivos amoriosos, o que propellira Marte a parvoejar por causa dos amavios de Cupido.

Antonio da Cunha dedicou-se, primeiro, á carreira das armas, que seguiu com fortuna problematica, porque, fazendo parte do regimento 11, desertou em 1833.

O marechal Saldanha, presidente do ministerio cartista, accusou-o na sessão da camara dos deputados de 23 de janeiro de 1849, por ter voltado costas ao inimigo. A este transbordó de atrabilis contra elle, respondeu terminantemente que não fugira, mas desertara da sua casa na rua dos Mouros para bordo da fragata franceza *Heroine*, commandada por Mr. Baudin, que tomou rumo de França. E acrescentou que obrara assim, por não querer aturar o commandante do deposito em Belem.

Antonio da Cunha encetou, depois, a carreira litteraria e politica, e ahí colheu os laureis que a outra lhe regateara. Pertenceu ao estado-maior do periodismo, porque era um lapidiario da phrase e tinha uma gentil borboleta de espirito no cerebro. Jornalou no *Tribuno* e no *Estandarte*, onde publicou o *Supplemento a um folhetim*, as deliciosas *Cartas de Graccho a Tulia*, e *Esta, Essa, Aquella, Aquell'outra*, relampejantes folhetins, em que divagava de bailes, de theoremas de moral, de frioleiras, dos mysteriosos conflictos do coração e da carne, de escandalos fidalgos, e da mulher — o nosso tyranno. Sofreu a sedução da politica, essa bandalhoa que prende, com sorrisos marafoneiros e tregeitos de gandaia, todos os que passam rente d'ella. Subindo á tribuna parlamentar em 1848, não desluziu ao lado de José Estevão, Passos Manuel, Fontes, Rebello da Silva, Avila e Carlos Bento. A aristocracia da sua eloquencia, a curva ondulosa dos seus periodos oratorios, o queimo da sua ironia detersiva, o vigor masculo das suas replicas coriscantes, deram-lhe o cabimento na constellação em que fulgem os nomes de Garrett, Santos e Silva, Pinheiro Chagas e Antonio Candido.

Contam-se, a trecheio, as suas anecdotas parlamentares, ha muito relegadas para os subterraneos da recordação. Uma vez, propoz elle que se realisassem economias em determinada verba orçamental. Um deputado, depois par do reino, levantou-se para impugnar a proposta, e increpou-o rudemente, vibrando-lhe a seguinte apostrophe: — «Quem nos vem aqui propôr economias? O sr. Antonio da Cunha, o homem que dilapidou tres fortunas!»

Mas Antonio da Cunha logo lhe cortou o fio ao discurso: — «E' perfeitamente exacto. Dissipei tres fortunas, que legitimamente me pertenciam. Mas desafio V. Ex.^a a que me diga qual a legitima origem da sua!»

O deputado em questão ganhara a fortuna no Brazil, vendendo pelles... que tinham pretos dentro.

Antonio da Cunha guerreava o governo de Rodrigo da Fonseca. Esta rapoza de muita ronha desejava, a todo o transe, descartar-se do tribuno impertinente. Tendo vagado a lezação de Stockolmo, Rodrigo mandou alquem a casa de Antonio da Cunha a fim de lhe offerrecer aquelle posto diplomatico. Esse quidam usou dos maximos rodeios para vêr se elle o aceitava; disse-lhe que tal acceitação constituiria um relevante servico prestado, não ao governo, mas ao paiz, e que, debaixo d'este ponto de vista, seria digna e rasovael. O proponente convenceu-o, de tal guiza, que Antonio da Cunha acabou por acceder aos rogos. Mas, no dia immediato, correu ás córtés, pediu a palavra e declarou, pouco mais ou menos, o seguinte: — «Sr. Presidente, Sabe V. Ex.^a e sabe a camara, que tenho combatido, com todo o vigor de que disponho, os tergiversantes processos governativos, a ne-

lasta administração do actual gabinete. Era hostil a minha attitude; hostil contina a ser. E sabe V. Ex.^a, sr. Presidente, até onde vai o desocóo d'este governo? Direi a verdade, e só a verdade, como se diz no pretorio. E tal o seu ouso, que chegou a tentar subornar-me, offerecendo-me o cargo de ministro plenipotenciario na corte de Stockolmo! Imaginava que eu virava o carnoz do invés e me converteria a um aphasicos legislativo... E eu sei bem como elle, empregando processos capciosos similares, tem metamorphoseado tagarelas viris em mudos do serrallo parlamentar... Pois muito bem! Eu accetto o cargo que me offerecem! E accetto-o, para que fiquem sobrebejante patentes aos olhos da camara e do paiz os meios cavillosos a que os membros do governo se socorrem para illaquear os membros da opposição. Accetto-o, para deixar o governo n'uma posição desairosa, n'uma situação deprimente! Tenho dito.»

A camara riu as estopinhas com a espirituosa arenga de Antonio da Cunha, que sempre foi investido na enviatura de Stockolmo.

O nosso biographado seguiu a bandeira insurgente da *Patuláa*, o que jamais impediu Spartaco de vestir a casaca azul e jantar em casa de Lucullo... Na quinta-feira de Ascenção de 1846, assaltou, á frente de uma chusma de populares, as casas da guarda da municipal. Um dos nossos mais nervosos e eloquentes prosadores, o sr. Bulhão Pato, descreve Antonio da Cunha no momento d'elle discursar á turba n'esse dia historico: — «Estou a vê-lo; estatura regular, delgado, moreno, nariz grande e pronunciadamente aquilino, cabello farto, bigode crespo, já grisalho; mas nos olhos chispava-lhe a mocidade e o talento! Todo elle era nervos, e, como agitador, na desordem da paixão politica, arengando á população infrene, alli, n'aquelle meo, ainda no trajo, no gesto, em tudo, tinha a distincção de um gran-senhor!» (1)

Antonio da Cunha Sotto-Maior — o principe da Cunha — foi, antes de tudo e acima de tudo, o *dandy last fashion*, o summo elegante que se destacava entre os seus pares como a figura imperiosa de Raphael avulta entre os pensadores gregos na *Escola de Athenas* de Raphael. Foi um êlo n'essa cadeia de mestres de dandyces, de janotas de raça, que tem por eslabões a Alcibiades, Petronio, o marechal de Bassompierre, Buckingham, Lauzun, o principe de Ligne, o principe de Kaunitz, Horacio Walpole, o actor Kean, Brummel, o principe de Galle, o conde Alfredo d'Orsay, Lord Byron, Alfredo de Musset, o romancista Eugenio Sue, o duque de Orleans, o pianista Liszt, o poeta Lamartine, Barbey d'Aureville, o duque de Hamilton, o duque de Caderousse, o principe Paulo Demidoff, o duque de Morony, o principe de Sagan, Jeronymo Condeixa e o actor Le Bargy. Foi uma individualidade saliente n'esse meio, em que se não abordam as transcidentes questões de sciencia e de philosophia, mas os capitales interesses mundanos, um pouquinho menos ponderosos que a hypothese nebulosa de Kant e de Laplace ou a theoria darwiniana do transformismo e da pangénese. O seu porte apumado, a sua elegancia innata, no plenifunio, emfim, da distincção pessoal, tudo determinava nos janotas do tempo, ao vê-lo, uma sorte de dynamogenia do dandysmo e fazia reclinarem os dentes aos burguezes de indole cainha. Quando, largos annos depois, veio a Lisboa, no gozo de licença das suas funções diplomaticas, era ainda o mesmo homem de outros tempos, havendo apenas a differencial-o o bigode branco, que parecia assentado pela caricia complacente de uma mão feminina, e que elle lavava com summo de limão para o fazer branquear niteite. Diz-se que, se raspassem Napoleão, appareceria o Corso. Se raspassem o diplomata appareceria o antigo janota. E quando Jeronymo Condeixa — o legitimo herdeiro do manto d'este Elias — esteve addido á legação de Stockolmo, a *élite* scandinavica dava-lhe o nome de *Sotto-Mineur*, para frisar bem a differença entre elle e Sotto-Maior — o alcibidiao.

Antonio da Cunha manteve sempre uma neutralidade magistral entre os partidos que terçavam armas na plateia de S. Carlos. Abriu, porém, uma excepção em 1838, porque, arrastando a szá á bailarina Pontirolli, e sendo repulso por esta, provocou uma estrondosa pateada ao corpo de baile, o qual, quando mariposeiava em scena, teve de bandar, bombardeado por pedras e patacos atirados pelos pateantes. Antonio da Cunha frequentava os bailes da sociedade pecuniosa, entre elles os do conde de Carvalhal, onde se viam: Garrett, José Estevão, Luiz Folque, José Maria Grande, lente de botânica e poeta, D. Luiz, D. José e D. Fernando da Camara Leme, e Fontes Pereira de Mello — o *Janota*. Fontes pertenceu ao distinctissimo curso de 1837 na Escola Polytechnica, em que se matricularam os seguintes alumnos, todos premiados: Fontes, José e Thiago Horta, Latino Coelho, Andrade Corvo, D. Luiz da Camara Leme e o grande mathematico Rego. Fontes era um moço elegante, um conversador jovial, sarcastico, um galan a quem se attribuiam numerosas conquistas, gostando muito de dansar e de cantar ao piano — e não ao *cavaquinho*, como propalaram os coscuvielleiros politicos.

As extravagancias de Antonio da Cunha tornaram-se proverbiaes. Quando sabia de casa, na rua do Alecrim, acompanhado do seu amigo Caldas, trocava uma ou duas notas em moedas de seis vintens, e

ia-as atirando aos gaiatos, que o seguiam, Chiado abaixo, até ao Rocio. Um seu amigo presenteou-o com uma preciosa cabia de seda alargada de bordados, que adquirira em Cantão. Mas Antonio da Cunha — já na Suecia — não ousava vesti-la, receando ser unhado por criticos egoaricos, que, pelo menos, o alcunhariam de tonto de capiróte. Um bello dia, fingu-se doente, deixou-se ficar no quarto e enfiou a cabia. As visitas vinham informar-se da sua saude, entravam, parolavam, admiravam a vestimenta de seda em que o enfermo se envolvia, mas, cá fora, não se atreviam a fazer as observações comicas, a que o caso prestava flanco. As visitas habituaram-se a vê-lo n'aquelle preparo, e era assim que, mais tarde, se apresentava a todas as pessoas que o buscavam. E, d'esta arte, logrou escapar ás unhas farpantes da critica de escada abaixo.

Do mesmo modo que todos os imperios, também conheceu os eclipses do poder e do credito. Como outros collectorem sellos, elle colleccionava dividas, mas dividas que pertenciam á tradição heroica. E, porque não se sentia disposto a aguardar as iras judicias dos credores, como um contemplador dos deuses esperaria as coleras inflammadas do trovão, foi-se embora para Stockolmo em Março de 1856. Ahi, faheraram-n'o os mesmos galeros nezephyros que lhe sopraram em Lisboa. Tornou-se *persona grata* á corte; nas lojas havia collarinhos, gravatas e charutos com o seu nome; nos restaurantes serviam-se pratos culinarios á Sotto-Maior. Quando passava na rua — levando a aureola de uma verde vellice na frente e uma flor comprada em *Hamen-gatan* na boteeira — ainda fazia voltar a cabeça ás suecas e ás norueguesas de cabellos de um loiro claro como a luz de Abril n'um vergel peninsular. Depois de ter percorrido todas as gammas e pulsado todas as lyras, partiu para essa diuturna viagem, em que se vai decifrar o lugente enigma de nossos esternos destinos. E em volta do seu nome, que pharóisou o janotismo e a eccentricidade lisboenses, háo de os vindouros fraguar, por ventura, um cyclo lendario.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

(1) Bulhão Pato. *Memorias*, vol. I, pag. 85



Tres edades

A' Sr.^a D. Maria Luiza de Castilho

Sois feliz, vós, que entre flúres,
Na flôr dos annos felizes
Onde não cria raizes
A arvore das cruezs dôres,
Festejaes, tão illudida,
Uma nova primavera
N'uma alegria sincera
De quem desconhece a vida!

Triste do velho, coitado,
Caminhando á sepultura,
Sem a conjugal ternura,
Sem o filial cuidado,
Que, se uma lagrima solta,
F'cedindo ao ceu piedade,
Sente mais viva a saudade
Do tempo que já não volta!

Mas ha inda um'outra idade
De desgraça prematura
Que nunca viu a ventura
Nem o alivio da saudade
Que vê morrer dia a dia
Illuzões, amor e crencas,
Cercada de indifferenças,
Sem uma estrella, uma guia

Assim eu vivo cernado:
Transformou n'uma jazida
A desgraça a minha vida,
Onde vivo sepultado!
O sonho que um dia tive
Depressa me envelheceu,
Um corpo dizem que vive,
A minh'alma, essa, morreu!

Bemfica — 1901

ERNESTO DE CAMPOS ANDRADE JUNIOR.

MODAS

Fig. A

Grupo de confecções para inverno

Estamos em pleno outono e brevemente nos visitará o frio, que apesar de ser o nosso clima um dos mais temperados da Europa, se faz sentir bem incommodamente. E' preciso pois que nos preparemos para elle.



Fig. A

Grupo de confecções para inverno

A nossa gravura apresenta dois modelos de casacos elegantes e confortáveis. O primeiro, em panno castor cinzento, é cortado direito, sem costura atrás, formando ligeiramente cintura debaixo do braço.

As frentes fecham ao meio com tres botões artisticos. Viezes pespontados ornem as bandas, a borda do casaco, as mangas e as frentes.

O outro casaco em panno preto tem costura atrás e debaixo dos braços vincando a cintura. As frentes assertoadas fecham com botões de phantasia. A parte de traz da gola é coberta de velludo e todas as guarnições que se vêem no casaco são viezes do mesmo panno pespontados.

A terceira figura apresenta uma grande capa em panno bege claro. Esta capa é cortada em forma tendo apenas duas pregas fundas atrás.

Inteiramente guarneçada de estreitos galões postos ao alto, rematados por um vuez do mesmo panno, pespontado, que cruza nas frentes. Cabeção também cortado em forma e orlado com varias ordens de pespontos.

Fig. B

Chapeu «Gisele»

Toque de velludo azul celeste coberto de *tulle* preto bordado a ouro, prata e perolas. Este *tulle* produz um effeito deslumbrante e vaporoso sobre o velludo claro.

Ao alto do chapeu, uma ave do paraizo, preta, dá-lhe um *chic* especial.

Fig. C

Vestido para visitas

Elegantissimo este vestido em panno-selim preto.

A saia faz-se em pregas deitadas a toda a volta, excepto no panno da frente. O corpo-vasca não leva costura atrás e termina por uma pequena aba em ponta, como a gravura indica. Os quartos dos lados tem também aba formando como que algibeiras enfeitadas com bordados de *chenille* preta. As frentes unidas por um broche abrem sobre um collete justo e são guarneçadas pela mesma *broderie* e seis botões de phantasia. A parte superior do corpo tem um espelho de seda azul pallida, veiado por uma renda *quipure* crua e emoldurado em uma especie de pequeno capuz da mesma seda.

Gola alta em panno preto com collarinho de *baptiste*.

Manga larga franzida no cotovello e enfeitada com um folho bordado a *chenille*.

Punho alto de seda azul pallida coberto de *quipure*.

Grande chapeu de feltro azul pallido ornado com uma amazona e uma applicação de *jais*.



Fig. B

Chapeu «Gisele»



Fig. C

Vestido para visitas

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Balthazar, 30Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & P.ºº
Rua d'Assumpção, 18 a 24

REVISTA QUINZINAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Vieira, Lorô Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

Enl. telegraphico—BRATGUAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL | | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | | ESTRANGEIRO | |
|--------------------------|-------|---------------------------|-------|---------------|-------|
| Numero avulso | 36000 | Anno | 52000 | Anno | 78000 |
| Anno | 28000 | 6 meses | 28000 | 6 meses | 42000 |
| | | 3 meses | 15500 | 3 meses | 23000 |
| | | Numero avulso | 5000 | Numero avulso | 7500 |

SUMMARIO

Clara Della Guardia—JAYME VIEIRA.
A questão religiosa—Um comício na quinta Vi-
gia, na ilha da Madeira.
Magalhães Coutinho e o Conde de Villa Real—
BULHÃO PATO.
O balão Santos Dumont.
A "Rita do tio Simão"—AGOSTINHO VIANNA.
Politica internacional—CONSIGLIERI PEDROSO.
A casa de campo do actor Berardo—BIONDINO.

O Fôlego.

Pensamentos.

Saudade!—Musica de Oscar da Silva e versos
de Fernando Caldeira.*Chronicas de marinha*—Fragata Madagascar—
JOÃO BRAZ DE OLIVEIRA.*A Toutineira*—MAXIMIANO RICCA.*José Maria Lisboa*.*O Amor*—JOÃO DE BARROS.*Antonio da Cunha Sotto Mayor*—PUNTO DE CAR-
VALHO (Tinop).*Tres edades*—ERNESTO DE CAMPOS ANDRADE JU-
NIOR.

Modas.

Theatros—JAYME VIEIRA.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.*O nosso proximo numero*.*J. Marques Pereira*.

Bibliographia

*Lopes Coelho Dias & C.ª**O NOSSO JORNAL*—(A quinzena noticiosa).*Cartas da Quinzena*.*O CEGO*—Romance de PEREZ GALDÓS.

ANNUNCIOS.

122 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os se-
guintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central
dos Estados do Sul: Coronel Theodoro Pupo de Mo-
raes e José Martins Fello, Rua de Afonso de Albuquerque, 25

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARANÁ—J. B. dos Santos—(Livraria Classica)—Rua
João Alfredo, 36MANAOS—Jayme e Camara—Livraria Classica—
Rua Guilherme Moreira

MANGABEIRA—Laocénio J. de Medeiros & C.ª

CEARA—Salles Torres & C.ª

BAHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria
Miguelina—Rua Tirica do Palácio, 25

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana)

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Ame-
ricana)RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria
Americana) Rua Marçal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto da Carvalho.

ROSIANA—João José Teixeira de Assumpção.

QUILLIMANE—Henrique Jorge de S. Neves.

HENGUELLIA—Mathues & Tavares.

LOURENÇO MARQUES—D. Bernardo Heitor da
Silveira de Lorença.BOLAMA (Guiné)—Oscar A. Gouveia da Silva Ro-
meu, Thesoureiro geral da Província.

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Casa Luis
Francosa—Rua Afonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,
249.

EVORA.—Agente geral em Evora e no Sul: Luta
Freira Correia, Rua de Ladeira, 18.
BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ºº
COIMBRA—Joko Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 12.º
CAST. TILO BARCO—Pedro Augusto Passos.
BRAN. FIES—Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
A) COIMBRA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde
LHEIA—Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
COELHO—José Pereira Cabral.
TAVIRA—José Maria dos Santos.
FARO—Mays & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

Figurará no n.º 69 de 16 de
Novembro um bello retrato do
actor italiano **Ermete Zacconi**,
que é hoje uma celebridade do
theatro moderno e que pela pri-
meira vez visita Lisboa. Algumas
paginas serão consagradas ás no-
vas installações da **Escola do
Exercito** que breve serão inaugu-
radas a propósito da abertura das
aulas. Acompanha-as umas linhas
do illustre escriptor, cuja col-
laboração tanta vez tem honrado
esta revista, o sr. **Marreca Fer-
reira**. Mais uma vez brilhará no
Brasil-Portugal, uma esplên-
dida poesia do notavel poeta **Con-
de de Monsaraz** (Macedo Papan-
ça); **Tinop** firmará um dos seus
interessantes artigos de historia
artística, referente ao **Conde de
Farrobo**, acompanhando duas re-
produções de retratos antigos do
maior artista que tem havido na
aristocracia portugueza; o **Dr. Cu-
nha Bellem** dar-nos-ha um
primoroso artigo e **Antonio Ban-
deira** uma deliciosa chronica de
inverno intitulada **A má lingua**.
Por ultimo, além da nossa col-
laboração permanente, começaremos
a dar uns typos populares de Lis-
boa e do Rio de Janeiro, apanha-
dos em flagrante pelo lapis humo-
rístico de **Celso Herminio**.

J. Marques Pereira

Este illustre photographo-amador é
nosso collaborador artistico, em Santos
(Brasil).

BIBLIOGRAPHIA

Mercurio.—Impresso a tinta vermelha, o
que explica a divisa que elle foi escolher na
pharse de Fred. Matsche: *De tout ce qui est écrit,*
je n'aime que ce que l'on écrit avec son propre
sang, estão publicados dois numeros d'esta pe-
quena revista litteraria.

Traz versos e contos, uns brasileiros, outros
franceses, mesmo no idioma originario, como
um conto de Mendés, e uns versos dedicados ao
sr. Danasceno Vieira, intitulados: *Parodia ter-
restre*, e firmados pelo sr. Filizias Libesgne.
D'esses versos, estes—*Odão* e *Eva*:

Est-ce donc un péché que de croire à la Vie?
Et de laisser pleuvoir dans son âme ravie
Les baisers parfumés, les desirs musicaux,
A l'heure où de l'Amour les rires prophétiques
Font sonner les échos
Et germer les roses mystiques?

Revista do Commercio.—Curioso pub-
licação commercial, tratando das questões que
preendem com o desenvolvimento commercial e
industrial do Brasil. Sêe a luma no Rio de Ja-
neiro

Nova Cruzada.—Outro folheto litterario,
da Bahia, especie de revista, collaborada por
homens novos. A poesia brasileira tão rica ali,
apresenta novos cultores muito distinctos, como
por exemplo Filemon de Menezes, n'uns versos
intitulados: *Muita esperança!* pela qual os sinos
dobram *don!... don!...*

O poeta pergunta:

Lá, n'aquelle eremitorio,
Dobra o sino em som funereo...
Mas, quem irá ao cemiterio,
Ao dobrar triste e funereo
Do sino do eremitorio?...
Dion!... dion!...

Boletim Photographico.—Cresce em
interesse esta curiosa publicação, feita especial-
mente para os que tratam de photographia. Ha
gravuras lindissimas.

Luctas da penna.—Mais um novo livro
do erudito escriptor o sr. conego Senna Freitas.
N'este, que tem por titulo as palavras que en-
cimam estas linhas, versa o auctor questões de
alta transcendencia social e philosophica com
um vigor de argumentação e um fulgor de esty-
lo, nunca desmentido nas 300 paginas que con-
stituem este precioso volume.

De resto, estas *Reflexões philosophicas, politi-
cas e litterarias*, como o auctor lhes chama, são
como que uma selecção de lides jornalisticas tan-
to na imprensa de Portugal como na do Brasil.
O *Brasil-Portugal*, que o sr. Senna Freitas muitas
vezes tem honrado com a sua collaboração,
felicitá-o por este novo trabalho litterario que se
encontra em todas as livrarias.

Revista Moderna. — Temos o n.º 8 d'esta revista, publicada no Rio de Janeiro, sob a direcção dos sr. Alcaem Barquês, Herbert Moser e Fernando Gross. Trata das Artes, das Sciencias e de Theatros, com proficiencia. Colaboração cuidada, como sempre.

A Revista do Norte. — Mais uma a attentar o grande movimento artistico e litterario do Brasil. Dirige-a o sr. Antonio Lobo, e publica-se no Maranhão. Abre o n.º numero com um bello retrato do sr. dr. Campos Salles.

Revista Encyclopedica. — Edita-a a Livraria Escolar, dos sr. Cruz & C.ª, de Brágia, e, como o seu titulo o diz, trata de tudo, especialmente da sciencia. Illustra-a varias gravuras.

Livro geneologico dos cães peninsulares. — Um pequeno folheto de propaganda, feito pela revista *A Fca*, com gravuras dos principaes modelos de raças caninas, que existem no paiz.

Não sei. — É' uma polka da sr. D. A. Martins. É' preciso primeiro dançar-a...

LOPES COELHO DIAS & C.ª

Esta firma commercial, que acaba de se constituir no Porto, succede á firma de José Coelho Dias & C.ª, em commandita, proprietario da *Real Fabrica de Conservas de Matosinhos*, cujos productos são, ha longos annos, apreciados em todo o paiz e especialmente no ultramar, para onde as suas exportações são importantissimas. É' a primeira e a mais antiga fabrica de conservas de Portugal, e as suas officinas occupam hoje uma vastissima área de 14.750 metros quadrados. Todas essas officinas são dirigidas por technicos especiaes, desde a do preparo da sardinha até á de laboração de conservas.

Desejamos á nova firma, as maiores prosperidades para continuar a manter o credito dos productos da fabrica, cuja propriedade vem de adquirir.

Na Avenida:
O sr. X. falando baixo a um amigo:
— Como diabo podeste casar com uma bicha tão feia?...
— Podes falar alto, porque ella tambem é surda!

nos passados das duas horas da tarde, dão-se as ultimas ordens, fazem-se as enorme multidão um silencio absoluto, e corre-se a fresco voz da Rainha pronunciar estas palavras:

— Vae em nome de El-Rei. Então, o barco começou a deslizar serenamente ao som do hymno nacional e de vivas atroadoras, entrando a' agua sem o mais pequeno incidente.

Eleições municipaes

Fazem-se depois de amanhã domingo 3 as eleições em todo o paiz, excepto Lisboa, Porto e Funchal. Esta ultima foi adiada por causa da excitação dos animos provocada pelo questão religiosa, vivida na ultima lucta eleitoral para deputados.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa. — Reformas: O sr. ministro da justica publicou já na folha official o decreto reorganizando os servicos do ministerio publico, diplomas que foi bem accetto.

— Parte da marinha foi tambem feita a reforma da escola pratica de artilheria naval, e pela das obras publicas, a dos quadros de engenharia e pagadores, e servicos de direcções; e pela do reino, a do Conservatorio.

— Nesta ultima cria-se um theatro lyrico nacional e restabelece-se o ensino dramatico.

— Este curso é de tres cadeiras regidas pelo escriptor D. João da Camara e pelos actores Augusto de Mello e Augusto Rosa. Este artista é ultima hora não accetou, dando como razão a doença da esposa. Por ora ignora-se quem o substituirá.

— Parte no dia 3 para Hamburgo o sr. João Vieira da Silva, consul do Brasil, transferido de Lisboa para aquella cidade alleim.

— É' esperado por estes dias uma deputação da Sociedade Oceanographica de Bordeaux que vem entregar a I-Rei o diploma de presidente honorario da mesma sociedade.

— Vão começar em breve os concertos de canto.

— Vae ser nomeado ministro de Portugal em Washington o sr. José da Hora, facto.

— A 1.ª secretario da legação de Londres vae ser promovido o sr. Jeronymo da Camara Manoel, pela promoção do sr. Alfredo de Castro a ministro para S. Petersburgo.

— O dr. João Ignacio do Patrocinio da Costa e Silva Ferreira, que acaba de fallecer, victimas de um typho, era lente da cadeira da Escola Polytechnica e do Instituto Industrial. Como scientifico e especialmente em mathematica, era muito notavel.

— O vapor inglez *Baron Hurdley* que entrou bontem no Tejo ficou de quarentena rigorosa, por se terem dado a bordo, quando o vapor estava no porto inglez, tres casos de peste bubonica.

— Com a solemnidade habitual inaugurou-se a 27 do mez passado as aulas do Collegio Militar, assistindo o sr. ministro da guerra.

— O governador de Angola telegraphou dizendo: O soba Quampum soltou prisioneiros. Restituia todos roubados, prestando vassalagem.

— Para isto prestaram os seguintes servicos, de funcionario, o commandador Almeida e Carlos Maria, de Anha, povoação que fica entre Benguela e Loanda.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

Rainha D. Maria Pia

A rainha viuva demora-se ainda em Paris, mais um mez. Seu filho o Infante D. Alfonso que a acompanhara no principio da sua viagem e que havia regressado ja ha tempo a Lisboa, volta agora á capital franceza a encontrar-se com S. M. vindo juntos para Portugal.

Lawn-tennis

O grande acontecimento da vida sportiva, este anno, em Cascaes, foi o torneo internacional realisado entre os varios clubs nacionaes e um grupo de jogadores ingleses que expressamente vieram a Lisboa para esse fim. Nesse torneo, em que os ingleses ficaram vencedores, tomou tambem parte o Chefe do Estado que é um dos melhores jogadores do Tennis. As tres gravuras que hoje damos apresentam tres phases de uma partida.

As partidas duraram cinco dias, sendo os premios distribuidos no salão do *Sporting Club* vistosamente ornamentado e illuminado; os jogadores ingleses receberam-os da mão de S. M. a Rainha.

Eram os seguintes:
De el-rei, duas cigarreiras de prata com a corôa real; do sr. infante D. Alfonso, uma lanterna de prata; da rainha, para os homens, alfinetes de ouro em forma de *rapazes*, e para as senhoras os mesmos alfinetes com duas *rapazes* ligadas e atravessadas por um cordão de ouro com perolas; do sr. marquez de Soveral, para homem

uma bengala com castão de prata e ouro e para senhora um estojo de prata para *toilette*; e da sr. duquesa de Palmella duas cigarreiras de prata dourada com esmalte.

Nessa noite, á distribuição de premios seguiu-se um grande baile.

No dia seguinte os jogadores ingleses foram almoçar a Cintra, convidados pelo sr. Eduardo Pinto Bastos Junior, e á tarde seguiram viagem para ilha-terra.

A estação em Cascaes tem estado animadissima e estará, até o regresso da familia real, que se annuncia para meados do mez.

A canhoneira «Tejo»

Está já no rio, bonita e bella, toda festivamente embandeirada, a nova canhoneira-torpedeira *Tejo*, de que demos a gravura no ultimo numero. A cerimonia do lançamento ao mar fez-se com a habitual pompa, assistindo El-Rei, a Rainha, os ministros, e officialidade de terra e mar. O dia estava lindo e o *Tejo* nas immedições do Casal do Sodré e Terreiro do Paço apresentava um esplendido effeito pelo seu numero de embarcações de todos os feitios e tamanhos que sulcavam as aguas.

Todo o trabalho de lançamento correu ás mil maravilhas. Não houve um empenho, uma demora, ou impedimento.

Pouco antes da chegada ao arsenal, dos sobe-ranos, foi o novo barco benzido pelo capellão da armada Monsenhor Sant'Anna, estando armado para esse effeito na camara, um altar. Mi-

VINHOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA

é novo e pintado pelo scenographo Roveacalle, assim como o guarda-roupa de Chiappa, e os adereços de Rancati.

D. Maria.—A primeira representação da peça *Os Rantany*, de Erckmann e Chattran, tradução de Lino d'Assumpção, está marcada para 9.

Segunda mulher de Tanqueray, de Pinero, tradução de Luiz Galhardo e Manoel Penteado:

| | |
|-----------------------|--------------------|
| Aubrey Tanqueray..... | Maia |
| Cayley Drummele..... | Augusto de Mello |
| Hugo Ardale..... | Carlos de Oliveira |
| Misquith..... | Cardoso Galvão |
| Jayne..... | Joaquim Costa |
| Jorge Onyed..... | Plato de Campos |
| Morse..... | Empaio |
| Paula..... | Georgina Pinto |
| Helena..... | Luz Velloso |
| Mrs. Cortelyon..... | Emilia Lopes |
| Lady Onyed..... | Augusta Cordeiro |
| Uma criada..... | Sarah Coelho |

D. Amelia.—Clara Della Guardia dá os seguintes espectáculos:

Tosca; Fernanda; Massio—A filha de Joffe; Magda; Cyrano de Bergerac; Troglodita dell'Amma—Ahi era a causa; Madame Sans Gene; Dama das Camelias; Dyonisia—A filha de Joffe.
—A companhia italiana do actor Zacconi debuta a 21.

Trindade.—A primeira representação da *Toureira do Templo*, de Eduardo Garrido, cuja distribuição já indicámos, está marcada para 10 de novembro.

Gymnasio.—Em ensaios, além do *Senhor Tenente*, de que já demos a distribuição: *Casamento político*, 1. acto, original de Sabino Correia Junior:

| | |
|----------------|---------------|
| Polidoro..... | Cardoso |
| Simplicio..... | Teimo |
| Callado..... | A. Ferreira |
| Luiz..... | A. Pinheiro |
| Margarida..... | Adelia |
| Rozalia..... | Sophia Santos |
| José..... | Salles |

O filho artificial, arreglo do inglez por J. Freitas Branco, distribuido ás actrices Barbara, Palmira Torres, Sophia Gomes, Isabel Berard, Adelaide Soler, e aos actores Ignacio, Teimo, Cardoso e Ferreira.

Moete, 1. acto, de Quintero, tradução de Carlos Trilho:

| | |
|-----------------------|---------|
| Lopes..... | Ignacio |
| Pedro, estudante..... | Alves |

—Um novo hiato *Nereida*, de 80 toneladas, propriedade dos srs. Marques e filho foi lançado ao mar.

—Está preso José Maria de Sá Lemos, antigo empregado da casa de comissões dos srs. Victorino Coimbra & C., da rua da Fabrica, accusado de um desfalque de quatro contos pouco mais ou menos.

—Faz-se de comear os trabalhos de salvamento da barca *Phoca* que se afundou no rio Douro.

—A nova praça de touros que se pensa construir no extremo da praça da Alegria, é em madeira e terá 16 bancadas e 60 camarotes, e uma galeria para o sol, com tres bancadas. A lotação é para 6000 pessoas. A inauguração deve ser domingo de petchon do anno de 1902.

—No Aljube, houve uma grande desordem entre dois presos por causa de uma mania, Balthazar Ricardo da Silva e Antonio Ribeiro Teixeira. Aquelle tentou estrangulor o Teixeira, e levou tido longe esse intento que quando li'o tiraram das mãos, este estava quasi asphixiado, tendo sido preciso transportal-o para o hospital.

—Vae ser augmentada a guarnição militar do Porto, a pedido d'aquella cidade, onde de cavalaria não ha senão uma pequena força.

| | |
|----------------------------|------------------|
| Jorge, estudante..... | Antonio de Sousa |
| Julia, criada..... | Adelia Soller |
| Maria, criada..... | Palmira Ferreira |
| Um vendedor ambulante..... | Salles |

Rua dos Condes.—Em ensaios para subir á scena a 8 d'este mez, a comedia de A. Bisson, *O microbio da amor*, tradução de Jayme Bramão. Como esta peça vae antes d'isso a companhia d'este theatre inaugura a época theatral do theatre em Coimbra.

A seguir entra em ensaios a opereta de Suppi, *D. Jannita*, letra de Eduardo Garrido.

| | |
|-------------------------|-----------------|
| Raul d'Avril..... | Isabel Pacheco |
| D. Olympia..... | Isabel Pacheco |
| Clarise de Laurac..... | Raphaella Fons |
| Petrito..... | Accadio Reis |
| Estebanilla..... | Annibal Fragozo |
| D. Canuto..... | Roque |
| O coronel Hock-bey..... | Ernesto Valle |
| Tio Pança..... | Santos Mello |
| Gil Blanco..... | Pinto Gosta |
| Gil Negor..... | José Franco |
| O general Laurac..... | Alves |
| Panchito..... | Albuquerque |
| Lopo..... | Piucho |
| Vasco..... | Martins |
| Um criado..... | Rodrigues |

Cavalleiros, damas, soldados francezes, soldados inglezes, aguazis, povo, etc.
Epoca 1796.

Avenida.—Ainda dará este mez varias recitas com a engraçada opereta *Estudantes e cozinhas*, ad o regresso da companhia de Sousa Bastos, annuciado para fins de Novembro.

Príncipe Real.—Está marcada para 7 a festa artistica de Adalina Ruas, com a peça de Décourlette *Af de Paes*, cuja distribuição demos no ultimo numero.

A seguir entram em ensaios as *Dois irmãos*, de Eduardo Garrido, *O alfentim*, de Henrique Lopes de Mendonça, *O Gebô*, de Raul Brandão, todas originas.

Infante.—Depois da *réprise da Historia da Carochinha*, deu a oratoria *Santo Antonio* e prepara o *Natal do Redemptor*, original de D. João da Camara.

Colyzeo dos Hebreos.—Novas estreas proporcionou aos seus habinês: *a fahir*, a *troupe* de acrobatas *Pichel* e os *clowns Denis*.
Enchentes todas as noites.

Real Colyzeo.—Continúa os seus espectáculos baratos e populares.

—O congresso das classes textis que se inaugurou ante-hontem termina no dia 3.

Barcellos.—Chegou de saude o sr. Manoel Augusto Vieira, vindo do Pará.

Braga.—No dia 24, disse a sua primeira missa na egreja do Bom Jesus do Monte, o rev. Antonio Manoel Pereira Ribeiro, professor do Icyce de Vianna. A missa foi a instrumental. Orou o rev. Maximiano Barreiros e no fim houve beija-mão, servindo-se no Hotel do Parque, um fino jantar de 30 talheres.

Chaves.—A entrega do jardim que pelo sr. Candido Sotto Maior foi offerecido á Camara municipal, fez-se com toda a solemnidade. Depois de assignado o auto, foi entregue ao offeente uma mensagem de agradecimento, em seguida percorrem as ruas varias philharmonicas e 4 noites houve fogo de vistas.

Coimbra.—Reuniram alguns individuos republicanos para tratarem de reorganisar o grupo local, estabelecer um centro e crear um jornal.
—Vae fazer-se uma exposição de quadros a oleo e aguarellas.

—Foi condemnado a 3 mezes de prisão, e 15 dias de multa de 100 réis, Antonio dos Santos Paizão que em julho ferira com uma facada a sua namorada Maria da Boa Morte Simões.



S. Carlos.—Eis o elenco e o programma da companhia que vem fazer a proxima época lyrica:

Maestros directores de orchestra: Mancinelli Luigi, Perosis Ettore, Foa Marco e Lombardi Beniamino.
Sopranos e meios sopranos: Adami Bice, Bellincioni Gemma, Belloni Amalia Carelli Emma, Corti Maria, Grassé Maria Marchesini Cleo, Minotti Adalgisa, Regina Paccini, Pini Corsi Clorinda, Stehle Adalina, Strakosch Febea.

Primeiros tenores: Anselmi Giuseppe, Bonci Alessandro, Borgatti Giuseppe, Clement Ed., Zanatello Giovanni, Marchez Umberto e Mand Primo.

Primeiros barrytonos: Ardito Vincenzo, Corradetti Ferruccio, Kaschmann Giuseppe, Menotti Delfino e Pini Corsi Antonio.

Primeiros baixos: Ciccolini Ettore, Luppi Oreste, Sternajouli Adolfo e Pasti Augusto.

Comprimaria: Giussani Marcella.

Tenor comprimario: Cellini Emilio.

Baixo comprimario: Francalancia Pietro.

Director de scena: Salzarich Eugenio.

Ponto: Vecchi Felice.

Maquinista: Vago Attilio.

72 professores de orchestra, 72 coristas e 24 professores de banda.

Corpo de baile para as operas:

Maestro de baile: Estella Angelo.

Primeira bailarina: Stocchetti Fioridalle.

24 bailarinas.

Repertorio:

Ero e Leandro, Mancinelli, e os *Meistres cantores da Nuremberg*; Wagner; os *Puritinos*, *Mefistofeles*, *A Filha do Regimento*, *Elixir de Amor*, *Dom Pascal*, *André Chénier*, *Fedora*, *Manon*, *Werter*, *Saffo*, *D. João*, *Gioconda*, *Bohème*, *Tosca*, *Barbero*, *Hamlet*, *Mignon*, *Lombardos*, *Rigoletto*, *Traviata*, *Lohengrin*, *Camallaria Rusticotta*, *Palhaços*, *Fra Diavolo*, etc.

O scenario das operas *D. João*, *Lombardos*, *Ero e Leandro* e *Meistres Cantores de Nuremberg*

—Vae ser mandado construir o troço da linha férrea entre Bragança e Mirandella.

—Abandonaram o partido regenerador os pares do reino Estevão de Moraes Sarmento, director do Collegio Militar e general de brigada; Sebastião Dantas Baracho, general de brigada; e coronel Figueiredo de Mascarenhas, abastado proprietario e antigo influente do Algarve.

O primeiro fio para o grupo Franco ao qual, o ultimo tambem e um pouco affaçado, quando ao sr. Baracho, esse antigo parlamentar conservará na camara a sua independencia politica.

Porto.—A sr.ª D. Francisca Dumont, que reside ha muito na Foz, telegraphou á sr.ª condessa d'Eu, agradecendo reconhecida este telegramma que os srs. condes lhe enviaram a respeito da victoria alcançada em Paris pelo seu filho o celebre aeronautista Santos Dumont:

—Bologna, 21. Felicitação da coração pelo triumpho alcançado por seu filho, a que tivemos o prazer de assistir.

—A construção das novas escolas primarias em S. Thiago de Antas e S. João de Madeira, foi adjudicada, respectivamente, por 2.039\$8000 réis ao sr. Manuel Moreira dos Santos e 3.740\$000 réis ao sr. Thomaz Antonio Ferreira.

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XVI

A promessa

— Nesse caso vem comigo a casa de mim. — Paula pergunta constantemente por ti. E' necessario que estejas presente quando lho levarem a venda. E' já a quarta vez. Da primeira... Que dia aquella, Nela! não sei como não morresse de alegria! Fui eu a primeira pessoa que lhe viu... Vamos... anda... Nela recuou largando a mão que tinha segura entre as suas.

— Já te esqueste da minha promessa sagrada, ou julgaste que era um gracejo? Já, Nela! Nem sei como hei de agradecer ao céu! Desejava que ninguém estivesse triste. Desejava repartir com todos a minha alegria. Queria poder entrar nas casas de todos os pobrezinhos para pôr termo a todos os sofrimentos. Infelizmente só Deus poderá fazê-lo. Mas farei o bem que posso... Vamos. Nela despede-te desta casa e diz adeus a todas as coisas que foram tuas companheiras de infortuno e de solidão. Também se ama a miséria. Mariana não se despede de nada e como em casa não estava nenhum dos seus sympathicos habitantes, saiu sem olhar para traz. Florentina deu-lhe a mão. A pobre orphã deixava-se conduzir, sentindo-se sem animo para resistir.

Affigurava-se-lhe que uma força sobrenatural a estava exigindo, como alguma que fosse gárgula para o dia. Seguravam assim de mãos dadas pelo caminho de Hinojales, o mesmo onde Nela viria Florentina pela primeira vez.

— Porque não tens lá ido? Terá razão meo em attribuir a tua ausencia á tua modestia e á tua falta de delicadeza? Seria por isso que não foste exigido, o que te prometteram? Talvez... Mas pobrezinho tu, que te prometteram a tua mãe! Ainda tenho os olhos vermelhos de tanto chorar.

Hontem nenhum dormiu em casa. Passámos a noite fazendo projectos e castellos no ar. Mas tu n'ala dizes, Nela... Não estás alegre com elle? A orphã encorau-a, detendo-se.

— Pirás; que tens tu? Olhas para mim de um modo...

Nela crvára com effeito os olhos muito abertos em Florentina, com uma expressão de espanto e de terror.

— Estas tudo tremula! Sentes-te doente? Empallideces... Se te sentes doente, eu cuidarei de ti. Desde hoje tens quem se interesse pela tua vida e te ame... eu e o Paulo... Disse-me elle mesmo. Amar-te hemos muito. Paulo deseja ver-te. E' natural esta curiosidade de se conhecer quem nasce se viu. Meu primo como é intelligente e tinha um poder imaginativo que lhe permitia quasi adivinhar as coisas; desde o primeiro momento soube differenciar o bello do feio. Um pedaco de carne encarnada fê-lo sorrir. Um pedaco de carvão pareceu-lhe horrivel. Admora a côr do ceo e sentiu repugnancia por uma 1.ª tudo que seja bonito produz n'elle um enthusiasmo que toca as raízes do delirio. Tudo que feio lhe causa horror e susto. Eu creio que lhe agradei, pois que, apenas me viu, exclamou: «Que linda és, prima da minha alma! Louvado seja Deus que nestas trevas fez a luz com que te viu!»

Nela retirou a mão de entre as de Florentina, e caiu como se a fulminára um raio.

— Que tens? porque olhas assim para mim? perguntou-lhe Florentina, com meiguice, tentando erguel-a. Nela cravava fixamente o olhar em Florentina. Mas não era de rancor o brilho que despidia. O seu olhar supplicava. Dir-se-ia um olhar de moribundo pedindo, nos ultimos momentos, misericordia á imagem de Deus, como se a imagem fóra o proprio Deus.

— Senhora! murmurou Nela. Eu não a odeio... Amo... adora...

E, pegando na fimbria do vestido, levou-a aos labios e beijou-a ardentemente.

— Pois tu podes odiar-me? disse Florentina confusa. Bem sei que me amas, mas... assustada. Levanta-te.

(Continua.)

— Casou o caixeiro viajante da casa Luiz Martha, o sr. Joaquim Soares Pinto com a sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira de Carvalho.

— Deve abrir breje a Penitenciaris d'esta cidade.

Civilidade.— Casaram o sr. Alfredo de Almeida e a sr.ª D. Marianna Marques.

— Por iniciativa do conego Manoel Anaquim, formou-se um Centro Nacional.

Espinho.— O mar que se tem pouco a pouco apoderado de terrenos d'esta povoação, põe agora em perigo a igreja parochial, em cuja fundação se pensa.

Figueira da Foz.— Casou o sr. Dr. Joaquim José Cerqueira da Rocha, com a sr.ª D. Virginia da Costa Luz.

— Apareceu no rio de Lavos, perto da Muracoeira, o cadaver de Manoel Gil de Figueiredo afogado, ha dias quando tomava banho na praia de Quilões.

Itava.— Um telegramma recebido aqui, diz estar errada em Pernambuco, a escuna D. Maria, por ter adoecido o capitão Francisco S. Moren, aqui muito estimado.

Leiria.— Fazem-se os primeiros preparativos para a recepção a fazer a E.-Rel, se o soborano vier pessoalmente a Batalha, e a traladagem dos restos mortaes de Alfonso V. e D. João II para o pantheon do mestre de Aviz.

— Vão principiar os trabalhos para a construcção de dois lancos novos de estrada, do Amor á estação do Caminho de ferro e da cidade á Maestra, passando por Parceiros.

Oliveira do Hospital.— Na freguezia de S. Paio, foi assassinado por Manoel Chaves, natural de Gramação, Lucas Garcia, rapaz estimado aqui.

Peso da Regoa.— Ardeu a casa do proprietario Miguel da Conceição Pinto, em Fontelães, salvando-se a custo parte da mobilia e uns cascos de vinhos vellos que havia em um armazem. Causaram o sinistro umas brazas que a tintas com a cinza do fogão, haviam sido deitadas na loja pela creada. Estiveram miando toda a noite até que pegaram fogo no sobrado.

Portalegre.— Casou o professor João Augusto Barnabé com a sr.ª D. Maria Catharina Segueira.

Povoia de Lanhoso.— Um porco comeu a uma creança filha de Francisco Borges, da freguezia de Frades, a creança direita, triturando-lhe o rosto d'esse mesmo lado.

Povoia de Vazim.— Já foram entregues á Camara, os terrenos do Castello que estavam em posse do Ministerio da Guerra.

— Em Beira casou o commerciante Belmiro Baptista Gomes Ferreira com a sr.ª D. Anna do Eirado e Silva.

— Teve uma creança a sr.ª D. Maria Adelaide Gomes Malheiro esposa do escrivão de direito o sr. Manoel Gonçalves da Silva.

Valpassos.— Chegou já a Santa Valha, vindo do Brasil e acompanhado de sua esposa o sr. Luiz Antonio Videira.

— Parte para Lisboa affim de embarcar para o Rio de Janeiro o negociante José Joaquim Domingos.

Vianna do Castelo.— Vae construir-se uma praça de peixe com todas as condições hygienicas modernas.

— O anniversario natalicio do benemerito viannense Domingos José de Moraes, que passou no dia 24, foi festejado com alvorada, cumprimentos, Te-Deum e á noite illuminações brilhantissimas. A tarde uma grande commissão dos principaes cavalheiros da cidade, seguida de muito povo, foi entregar ao sr. Moraes uma mensagem de felicitação, approvada n'uma reunião publica que esteve concorridissima.

Villa Nova de Almeida.— Partiu ha dias para o Rio um filho da sr.ª D. Leonor de Faria, da casa de Serres.

Villa Real de Traz os Montes.— Um rapazião da freguezia de Mancos, Antonio Botelho, estando a mexer n'uma espingarda foi por ella ferido. Deu entrada no Hospital em estado muito grave.

Fallecimentos

De 30 a 31 de outubro, falleceram:
Eliaboo.— D. Anna Galvão de Villena, Joaquim do Carmo, Luthero Luiz Rodrigues, Pedro Alexandre de Salles Mendes, D. Anna Pacheco da Silva Romão, Francisco Antonio Gomes Alves, Alfredo Domingos de Sousa Leitão e Silva, D. Maria Emília Tereza, D. Emilia de Jesus Martins, D. Mar.ª da Conceição Madrid d'Oliveira, Francisco Antonio Coelho, D. Emilia Guedes, Condado Augusto de Sousa Leitão e Silva, D. Maria Emília de Matta e Silva, Jacintho Augusto Heliado, Ambrosio dos Santos, D. Zephirina Rita Motta Medeiros, Roberto Frederico Santos, D. Zephirina Rita Motta Medeiros, Francisco Amigo

Fortes, Benjamin Cosmelli, José Ermida Pinheiro, Augusto Simões dos Santos, Antonio Joaquim Moca, D. Perpétua de Jesus Varquez, D. Palmyra Augusta Moreira Pinheiro e Silva, D. Maria José Xavier Gobelho, a actriz Encarnação Reis, Joaquim Maria José Martins, D. Clara Maria da Silva Sá, José da Silva, D. Maria da Piedade Fragoso de Barahona e Costa, Olympio Vianna, D. Maria José Neves Ribeiro da Silva, José Feliciano Francisco de Sá, D. Maria de Jesus, D. Maria Mathias, Eugenio Augusto Torres, Antonio Fontinha, o conselheiro Carlos Alberto Spinoza, Antonio d'Almeida, Aug. aug. Eugenio Lucas Torres, D. Eugénia Maria d'Oliveira, José Gil Bettencourt, D. Gertrudes Torres Ferreira, João d' Azevedo, José de Cos. a, Goulter Jaime Duque, Manoel Damião, Francisco Antonio Coelho, Manoel Gonçalves Ribeiro, D. Gertrudes da Conceição Pereira, Francisco Epitacio da Silva Lobo de Miranda, D. Guilhermina Rosa da Silveira, Thomaz Herculanio de Matta, Manoel de Matta, D. Maria dos Santos da Silva, D. Carlota Joaquina de Costa, D. Delphinia Pratas, Manoel Pinto de Lima, D. Emilia Adelaide de Queiroz Lanca, o commandador Francisco Ribeiro Pinheiro, Casimiro Jorge, o menino Eduardo Ferreira, Jorge Alberto dos Santos, Antonio Bô Vêta, Manoel Pinto de Lima, José Luchio do Sacramento, Domingos Kozinger Ferreira, D. Maria dos Santos Freitas, D. Gertrudes Ursula Pereira Martins, Eduardo d' Oliveira Neves, Maria Tereza Moura, a menina Celestina Cesar Spício, D. Luiza Augusta Ferreira Botelho, a menina Irene Samelli da Silva, João Casimiro Casañas, Jaime Veiz Pereira, D. Maria de Lencastre Veiz e Lencastre, D. Gertrudes Casimiro Conceição Rosa Ivo da Silva, a proprietária Mrs. Hotel Francfort e do Francisco Hotel D. Joaquina do Nascimento Pereira da Silva, o Constantino Gomes Ribeiro, D. Gertrudes Casimiro de Vasconcellos Juniot, Henrique Ferreira Pinto Basto, D. Marianna de Brito Teixeira, D. Margarida dos Santos Barreto, José, José Narciso de Almeida, Joaquim de Oliveira, José Antonio Penna Vieira, D. Rosa Emilia Marques Pinto de Lemos, D. Leopoldina dos Santos d'Oliveira, José Pinto Ribeiro, o filho da Silva Meião, D. Herculina Janna de Sousa Brito, José Ribeiro dos Santos, D. Thereza Adelaide Mendes Galvão, D. Maria Guilhermina Yonga Ricca, José Irene Weizler, D. Emma Adelia Gomes Estrela, Manoel Ernâni, Alberto Pille, João Labarth Marques, Antonio Augusto Nogueira.

Alcantarinos—José Monteiro.

Alvares—O rev. Francisco Martins Paulo.

Alves—José Felis.

Andrad—Francisco Luiz Maria de Graça, D. Maria José Monteiro Cancellia.

Araripe—D. Maria de Vez—D. Emilia de Azevedo.

Azambuja—Rita Genovaiva.

Barraboz—Ergio—O C. de Vasconcelos.

Belem—D. Maria de Jesus Cordeiro.

Braga—D. Julia de Castro Freitas de Carvalho, Manoel Lira de Faria da Silva, D. Maria Vieira Ivo Alves, Antonio Alves.

Bragança—Manoel Joaquim d' Oliveira.

Cabeceiras de Baixo (Arcos de Baútle)— José Machado Ferreira.

Caiaes (Parades)—J. J. Moreira Freire.

Camão da Rainha—José Alves da Cunha.

Canião—José Maria Rego.

Caracullos—Augusto Alves Pinto Villa, general.

Casimiro—D. Theozza de Moraes, Alexandre Joaquim de Sequeira e o plantista Marcario.

Caxias—Alfredo Luz Ruas.

Colombo—D. Josephina Augustus da Cunha, José Fernandes, Antonio França, José Simões da Brizida, D. Stuel Fernandes Costa.

Covilha—Alberto de Sousa Cunha.

Cruze da Piedad—D. Magdalena Amas.

Covilhã—D. Carolina Augusta de Castro Raposo e o rev. Francisco Antunes.

Cuba—Domingos Garcia Martins.

Efira—D. Anna Gertrudes da Conceição Palma, José Antonio da Silva Pereira e Gomes, D. Maria da Conceição Rosa.

Evol—Francisco Antunes Leite.

Ferreira do Zetere—José 4 bis ao

Quartel de Mortagão—D. Constança Tavares Festas.

Guarda—O rev. Agostinho Nogueira de Paiva.

Leiria—Antonio Lopes Vieira.

Leiria—O rev. João Antonio de Oliveira Carvalho.

Mação—D. Maria Marques Valente.

Mangualde—José Ferreira dos Santos e Francisco Duarte Meilo.

Miranda do Corvo—D. Maria Lucliana da Silva Bastos.

Mirandella—D. Constança de Azevedo, D. Maria do Carmo Macedo Sarmento Leite Vetho, José Carlos de Azevedo.

Moçorot—Domingos Dupim.

Nelas—O rev. Adriano Borges.

Pombal—D. Henriqueta da Piedade e Cunha.

Povoa de Lanhoso—Dr. Adelino de Campos, D. Maria Lisboa, sr. Ant. José Ferreira.

Povoa de Vazim—Joaquim Domingos Moreira.

Redondo—Dr. Hilodoro Maria Queimado.

Rego—D. Antonio Gomes Azevedo, Maria Augusta Ferreira Leal.

Rego d'Alportel—D. Petrolina dos Dóres.

Santa Cruz—O rev. José Joaquim Domingos do Amaral, S. João da Madeira—Manuel Ferreira d' Oliveira.

Sintra—Antonio Lopes dos Santos.

Sour—Gil d. Costa Ramos.

Torre Nova—Padre Monto, prior de S. Thiago.

Trofa—D. Maria de Jesus Rosa Sara, D. Maria de Jesus.

Villa do Castello—Manuel Francisco Barbosa.

Vallongo—Gaspar Augusto Leite Arricada.

Vila Verde de Fomalim—D. Maria Claretta Ramos da Silva Campos.

Villa Real—Manuel Botelho Junior.

Vila Real—Antonio Antonio—Antonio Pedro Parra.

Villa Verde—O conde de Caravellos.

Vizen—D. Elvira de Almeida Dias e João de Albuquerque Costa.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A Empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignatos do **BRASIL-PORTUGAL** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e custa a encadernação por conta da empresa de 1.º e 2.º anno de 800 réis cada capa.

No Brasil custa cada capa \$4000 réis.

Os pedidos podem ser dirigidos á esta administração, Rua de S. Roque, 125, ou ás agencias do **BRASIL-PORTUGAL**.

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

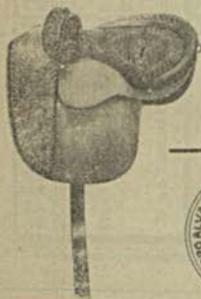
EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

PRIMEIROS DOS REPOSITORES

Com. 1.º, 1902; Porto, 1875 e Paris 1889 e 1893

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cacos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

CASA ANCORA
MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento
e variedade de artigos. O primeiro ponto
de reunião de Mandos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS

Vierling & C.^a Lim.^{da}

44, 46, R. do Arsenal — Pelourinho, 1, 2 e 3

Compram e vendem nas melhores condições:

Notas dos Bancos de Hespanha, França, Inglaterra,
Allemanha, etc.

Fundos do Governo Portuguez, Ouro portuguez, Dinheiro Estrangeiro

Obrigações do Crédito Perdiel e acções e obrigações de Companhias

Coupons (juros) vencidos e a vencer, nacionaes e estrangeiros

Transferencias de dinheiro para o Porto

Saques sobre as principaes terras de Hespanha

LOTERIAS E TABACOS



CESAR A. PAIVA
Cirurgião Dentista

718

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

Rua de St.º Antonio
Rua 34 de Brastica, 33

Estabelecimento dentro do mesmo prédio
CASA montada sob a organização dos estabelecimentos
congruentos do estrangeiro. Venda de
todas as artigos indispensaveis

MAISON NOUVELLE

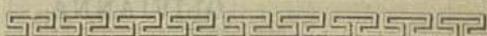


MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões
Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

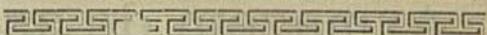
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica
portuguesa, fundada e amortisavel nos termos da legislação vi-
gente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA
GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em to-
das as capitais de districto e sedes dos conce-
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

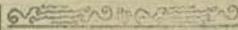
Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DEPARTAMENTO DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

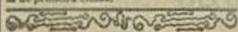


HOTEL DEBYND

English Hotel — Lisbon

1, Rua das Flores — Largo do Quinteiro.

Bom hotel, situado na parte mais central de
cidade, oferece todos os confortos de uma
casa de primeira classe.



Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem á RUA DO CARMO, 35, 1.º (CHIADO)

Oliveira, Costa & C.^a

CASA DE COMMISSÕES

Endereço telegraphico:

OLIVIANNA

Caixa do correio — 175

PARÁ

Rua 15 de Novembro, 5

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: R a da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS

Auctorizada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245
de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo se.urado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações de seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabellas e relatorios que são encontrados em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS

PINTO ALVES & C.^a

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES